

LUIZIANNE LINS

## *Vida dedicada ao trabalho e à militância por uma sociedade justa*



*"Gente é pra Brilhar". "Agente é da história".  
"A gente" é noção de coletivo. "Tudo ao mesmo  
tempo de uma vez só" é Luizianne Lins.*

formação acadêmica. As leituras a fizeram conhecer Marx. A identificação foi imediata. Os ideais se fortaleceram. Tanta foi a influência dos conceitos apreendidos que Luizianne se autodenomina marxista esotérica. A testemunha de Jeová, que antes pregava a Bíblia de casa em casa, acredita na energia que cada um leva dentro de si.

A frente de seus colegas, presidiu o Centro Acadêmico Tristão de Athayde na luta por uma maior qualidade de ensino. Na diretoria do DCE (Diretório Central dos Estudantes), Luizianne fez barulho, incomodou muita gente. Visada pela polícia, foi perseguida nos protestos em que empunha palavras de ordem. Nada fez calar sua voz. Nem mesmo as ameaças contra sua vida.

Luizianne é aguerrida. Firme em suas opiniões, não teme em lutar por aquilo em que se acredita. Seu espírito revolucionário crê nas possibilidades de mudanças. "Espero que não fique só no plano da utopia e que um dia a gente encontre uma sociedade onde realmente as pessoas sejam plenas em todos os pontos de vista". Diz-se extremamente racional. As palavras, porém, são ditas com intensa paixão. As mãos, que muito gesticulam, dão mais força ao seu discurso. Sua juventude combativa é exemplo de admiração. Tem nos estudantes seus maiores apoiadores.

Para acalantar o espírito e cultivar a alma de guerreira basta colocar em suas mãos uma câmera. A imagem é outra de sua paixões. Os cursos de fotografia e de vídeo, conciliou com a militância política. Vídeo maker premiada, tem em seu currículo quatro curtas-metragens finalizadas. A experiência gratificante como fotógrafa a fez retornar, já formada, às salas do curso de Comunicação Social. É professora substituta da área de audiovisual. Uma nova função exercida com afinco e determinação.

A trajetória de vida de Luizianne é marcada por desafios. Acredita que tudo vale a pena quando a alma não é pequena. Seu novo passo acaba de ser dado. Aos 28 anos, foi eleita vereadora pelo PT. Sua história no partido iniciou em 89. Estudante, participante ativa do movimento estudantil, Luizianne vestiu a camisa petista com orgulho. Sempre soube conciliar trabalho, militância e lazer. A candidatura vitoriosa a Câmara dos Vereadores foi o reconhecimento de sua dedicação à causa das minorias. Minorias que ajudaram a se eleger como a primeira vereadora do PT de nossa cidade e a mais bem votada do partido. O grande desafio lhe deixa apreensiva. Tudo é muito novo.

Ao longo de duas horas Luizianne falou de suas expectativas quanto ao desafio que se lançou. Em sua trajetória de lutas constantes, aprendeu que a solidariedade é ponto de partida para as mudanças que farão o futuro diferente, um lugar onde gente é pra brilhar.

**D**ata 1968, um ano eternizado na história do país. Nas ruas, uma geração realiza passeatas, com a alma incendiada de paixão revolucionária. No clima fervoroso dos anos rebeldes eis que nasce Luizianne de Oliveira Lins. A garotinha, orgulho dos pais, alegre a família em meio aos conturbados momentos de nossa história. A criança, nascida em berço de ditadura militar, estava destinada a viver com uma inquietação semelhante a da juventude de 68. O ano que não terminou registrava o início de sua história.

Luizianne cresceu na periferia, entretida com as brincadeiras de criança. A bicicleta nova que dividia com o irmão foi seu presente mais marcante. Guiou seus primeiros momentos questionadores diante de uma realidade permeada por diferença sociais. A garotada de seu bairro, admirada com um brinquedo não muito comum nas redondezas, aglomera-se ao seu redor. Todos queriam desfrutar de um pequeno passeio na bicicleta. Intrigada com a situação, Luizianne se reservou naquele momento a emprestar sua caloi aos coleguinhas. A inquietação, entretanto, persistiria nos anos vindouros.

A adolescente Luizianne fazia de tudo um pouco. Versátil, ocupava-se com as mais diversificadas atividades. Logo descobriu o movimento estudantil, no qual seria muito bem acolhida nos seus anos de

Entrevista com a  
vereadora Luizianne  
Lins, dia 19/12/96

Texto de Abertura:

Juliana Rosas Salomão

Produção, redação,

edição e texto final:

Fernanda Teles,

Kiko Barros e

Tarciano Ricarto

Participação: Adriano

Muniz, Alethéa M.

Leitão, Chagas Cunha,

Fernanda Teles, Joana

Dutra, Juliana Salomão,

Kiko Barros, Paola

Fonseca, Patrícia

Arruda, Ramiro Loutz,

Tarciano Ricarto,

Valdério Muniz.

Foto: Francisco

Bandeira.

*Entrevista - Luizianne, às vésperas de você assumir uma das cadeiras da Câmara Municipal de Fortaleza, como está seu processo de avaliação e preparação pra assumir essa realidade nova que vem aí pela frente?*

**Luizianne** - A coisa que eu tenho mais falado hoje em dia é sobre isso. Eu digo que entrei em crise mil vezes já, porque a forma de lidar com as coisas, de construir a política, eu sei que vai ser completamente diferente do que é hoje. Eu acho que as pessoas trabalham nisso de uma forma bastante diferente do que eu talvez tenha me acostumado no movimento estudantil e tal. Então, isso está me assustando um pouco, porque é como se eu desconhecesse ainda as formas que as pessoas estabelecem a disputa, né? E na minha avaliação não é das melhores. Então, isso tem me assustado muito. Até mesmo essa história de você está avaliando o papel de parlamentar. Você agora tem que ocupar um espaço. Tudo que você faz ou deixa de fazer acaba sendo relevante de alguma forma. Então, isso está me deixando meio na expectativa. Sei que vai ser um grande desafio, vai ser um grande desafio. Não só porque ser parlamentar deve ser um desafio pra todo mundo que assume, mas também um desafio dos meus limites, das minhas possibilidades. Isso aí é uma coisa que tá me deixando muito apreensiva. Estou numa expectativa muito grande pra assumir e tentar fazer da melhor forma possível isso.

*Entrevista - Que tipo de propostas concretas você tem em mente?*

**Luizianne** - Essas propostas vão vir, em primeiro lugar, das temáticas que a gente elegeu, com as quais a gente fez a campanha e também que nós vamos prosseguir como uma permanente elaboração de políticas públicas ligadas a essas áreas. Que são as cinco propostas: educação; cultura; a questão da sexualidade; a questão da opressão contra as mulheres — questão da mulher de uma forma geral — e a questão da juventude. Então, fazendo uma avaliação de cada uma dessas temáticas a gente vai poder discutir políticas públicas. Eu podia, mais ou menos, citar uma em cada área. Por exemplo, na área da educação, a gente pensa em democratizar o máximo e cada vez mais aumentar o número de crianças nas escolas, tendo em vista a grande defasagem de escolas que Fortaleza tem. Fazer uma denúncia sistemática e propor inclusive que a Prefeitura venha fazer um censo educacional pra gente ter noção de quantas crianças estão fora da escola em nível municipal. Uma outra coisa ligada à edu-

cação é a gente trabalhar na perspectiva até de se pensar na escola de segundo grau profissionalizante mantida pela própria Prefeitura. Além de cursos como os que tem aqui (referindo-se ao projeto “Novo Vestibular” mantido pelo Centro Acadêmico do curso de História da UFC e dirigido aos alunos das escolas públicas), que podem ser objetos de iniciativa da própria Prefeitura. Então, você poderia ter projetos dessa natureza que pudessem estar sendo ofertados pela escola pública. Com relação à cultura, a gente pensa primeiro numa lei municipal que incentive a cultura. Isso aí é uma coisa que é importante, a gente vê como vai fazer isso pegando o que há de bom nas outras leis e tirando o que há de ruim, tentando fazer da melhor forma possível uma lei que incentive a Cultura em nível municipal que a gente não tem. Uma segunda coisa, por exemplo, é pensar que as escolas públicas municipais, que ficam ocio-

“Sei que vai ser um grande desafio. Não só porque ser parlamentar deve ser um desafio pra todo mundo que assume, mas também um desafio dos meus limites.”

sas nos finais de semana, possam ter a possibilidade de ofertar curso ligado a arte: fotografia, pintura, desenho... Pra que grande parte da juventude — principalmente nos bairros da periferia — tenha a possibilidade de se profissionalizar nas áreas onde ela acha que tenha aptidão, ou tem vontade ou querem aprender. Porque normalmente esses artistas se perdem, né? Muitas vezes, eles aprendem sozinhos e se perdem porque não têm oportunidade. Muito cedo, têm que entrar no mercado de trabalho e acabam se perdendo. Então, isso é uma coisa muito importante pra gente estimular a cultura. Você estimular a cultura pela base. Fazer com que as pessoas excluídas socialmente, não sejam também excluídas culturalmente. Pelo menos você traga a essas pessoas uma possibilidade de entrar em contato com a cultura, até porque a gente compreende que a cultura não é só eventos. Ela também passa por outras coisas. Ela passa pela própria questão da identidade das pessoas consigo mesmas. Você compreende você mesma, seus sentimentos, a sua relação com a vida.

A sua relação também com o aprofundamento da sua sensibilidade. Então, isso são coisas muito importantes que muitas vezes o poder público desconsidera. Com relação à questão das mulheres, tem uma infinidade de propostas. Eu podia destacar aqui a questão da denúncia sistemática e um acompanhamento, uma fiscalização das políticas ligadas a questão da mulher. A questão da violência, por exemplo, é extremamente grave em Fortaleza, onde a gente sabe que a Delegacia das Mulheres não funciona satisfatoriamente e deixa muita a desejar com relação ao tratamento dado às mulheres. Também se pensa numa unidade de saúde ligada exclusivamente à questão da mulher, tendo em vista que mulher tem especificidades, inclusive em relação a questão dos direitos reprodutivos, o fato de reproduzir, de procriar, da mulher biologicamente ter diferenças do homem, né? A gente acha que o poder público também tem que ser responsável por isso. Na área da juventude, a gente pensa mecanismos que pudessem vir a democratizar ou até a ajudar os jovens a entrar no mercado de trabalho. Primeiro, começaria com esses cursos profissionalizantes, depois a gente poderia inclusive estabelecer estágios ou alguma coisa que o jovem tivesse alguma perspectiva, tendo em vista que nós vivemos numa cidade com problemas seriíssimos de violência urbana, questão das gangs. Isto é uma juventude excluída que tá totalmente sem perspectiva. Isso faz com que cada vez mais a tendência seja aumentar, tendo em vista que os próprios jovens estão querendo trabalhar e não têm oportunidade. E se você tem pessoas que já trabalharam e estão desempregadas, dado a situação gravíssima econômica que a gente se encontra — o maior desemprego da história desse País — imagina os jovens que agora estão tentando entrar no mercado de trabalho, muitas vezes sem nenhum tipo de experiência e com peso de serem discriminados porque são jovens. Isso é uma coisa que a gente vai dar uma atenção também especial. Uma outra coisa diz respeito à sexualidade. A discussão da sexualidade não é só uma discussão da gente lutar contra a homofobia, esse ódio aos homossexuais ou pessoas que têm orientação diferenciada da maioria, né? Mas a gente também compreende que o poder público tem que fazer discussões além da questão econômica e da questão mesmo do cotidiano das pessoas no nível mais concreto. Eu acho que é importante que a sexualidade seja vista como uma espécie de expressão natural dos seres humanos. E



Nas eleições de 96, Luizianne surpreendeu. Foi a mais bem votada dentro do seu partido e a primeira mulher eleita vereadora pelo PT aqui em Fortaleza.

Em 92, numa brincadeira desagradável, um jornalista da cidade cogitou a candidatura da “Loirinha”. Houve até a sugestão de um slogan: “Vou pra Câmara com Luizianne”.



Luizianne de Oliveira Lins é fortalezense, nascida a 18 de novembro de 1968 sob o signo de escorpião e da ditadura militar. Tem três irmãos: Sérgio, Samuel e Sandro.

por isso ela não pode ser tratada como acontece, onde você tem crimes impunes com relação aos homossexuais. Crimes inclusive com traços de barbuidade, que é exatamente o que se chama de homofobia. Também programas que visem a esclarecer a população sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Eu sempre digo que parece que a gente só tem possibilidade de pegar AIDS no Carnaval, porque as campanhas de preservativos normalmente se concentram no Carnaval. Parece que as pessoas só transam no Carnaval. (risos)

**Entrevista - Você acha que tem condição realmente de essas propostas se concretizarem? Eu estou perguntado isso porque não depende só de você, a Câmara é formada por um grupo, e todas as decisões giram em torno desse grupo. Como é que é isso?**

**Luizianne -** É a primeira coisa que você se depara quando talvez queira alguma coisa que a maioria não quer. Mas eu acho que a maioria mesmo é o povo, é a população. Acho que a gente tem que encontrar mecanismos de mostrar à população, convencer as pessoas que elas têm que dar dinâmica à Câmara Municipal e não a Câmara Municipal dar dinâmica à vida delas.

**Entrevista - Interrompendo sua resposta, mas não deu pra resistir. Isso não é meio utópico, diante da rotina que a gente quando vai lá na Câmara e fica observando os procedimentos, as audiências e as postergações das propostas? Isso não é discurso de campanha política?**

**Luizianne -** Não. Utópico?! Certamente. Assim, me considero uma pessoa utópica. Eu acho que a utopia é o que move, é o desejo. E sempre a gente consegue estar produzindo mais e avançar nas discussões, quando carrega essa utopia que as coisas podem melhorar. Mas uma coisa Paola, que é uma coisa concreta, por exemplo, que aconteceu agora é que foi aprovado o Projeto de Iniciativa Popular. É que agora 5% da população, da cidade ou de determinado bairro, onde tenha determinado projeto de lei pra lá, pode, através de um projeto que se chama de Iniciativa Popular, dar entrada na Câmara Municipal independente de qualquer vereador. Ainda tem prioridade sobre os vereadores e tem também um prazo pra ser votado. Em 60 dias tem que ser apreciado, porque se não entra na pauta a ser votada pelo plenário.

**Entrevista - Isso aí seria um dos mecanismos que você falou, de participação popular?**

**Luizianne -** É um dos mecanismos. Eu acredito que um dos mecanismos que a gente vai se utilizar é esse aí. Porque, se tem pessoas querendo, no caso do papel do vereador, da vereadora, é exatamente de se poder ser o porta-voz disso. Mas, além disso, também tem o fato de você formar uma opinião pública. Porque acredito na luta política. Eu acredito que, muitas vezes, você tem que ir pro confronto, porque senão as coisas não acontecem. Então eu acho que isso também vai ter que acontecer: processo de mobilização pra que os vereadores ou as vereadoras possam compreender o que a população quer, e que elas não podem restringir a decisão daquilo ou daquilo outro a eles mesmos. Normalmente, os políticos estão muito preocupados com sua imagem, porque querem ser votados, querem continuar no poder. Então, quando você nota que algumas coisas começam a desgastar a imagem dos políticos, eles recuam. É assim que eu acho que a democracia também deve funcionar. Eu

**“O Parlamento é uma parte da luta, e não é a única forma de luta. Então, essa parte da institucionalidade deve ser colocada também com outras coisas.”**

acho que as pessoas têm que saber quem manda, quem deve realmente mandar e dirigir o destino do Poder Legislativo ou do Poder Executivo é a maioria da população. Por isso, que eu estou falando sistematicamente desde que soube, antes mesmo no processo de campanha já falava, agora tenho falado mais ainda, que a gente vai colocar a questão do orçamento participativo. Eu já estou vendo, inclusive, retorno disso. Muita gente tem colocado sistematicamente orçamento participativo na cidade. Não adianta o prefeito dizer que o orçamento foi feito de forma democrática, foi feito seminário não sei aonde. Se quer fazer realmente participativo tem que chamar a população pra dizer que prioridade ela quer. Então eu tenho dito muito isto e já tenho visto um certo retorno em relação a isso aí, de algumas pessoas também estarem comprando essa idéia. E eu acho que isso é uma coisa muito importante. Então, eu acho que a gente vai, tateando mas vai, porque se a gente acreditar que as coisas não vão mudar aí que elas não mudam nunca, né?

**Entrevista - Luizianne, você falou que os políticos se preocupam muito com sua imagem. E a vereadora Luizianne?**

**Luizianne -** Até acho que sou um pouco vaidosa (risos). Mas não sou muito não...

**Entrevista - Não é de se envaidecer...**

**Luizianne -** Quando eu falo na imagem isso também entra. Inclusive, uma coisa que eu falo muito é: como é essa relação dos que estão no poder com o poder e dos que não estão no poder com o poder. Isso é uma coisa que tem me deixado muito curiosa, tenho observado muito isto. Coisa pra mim que me leva a fazer profundas reflexões sobre a vida, sobre a vida mesmo, né? Porque essa história do poder pra mim — gosto muito de dizer isso, que é uma coisa que tá cada vez mais clara pra mim — é uma coisa muito passageira, muito efêmera. Poder não é individual. Eu noto que as pessoas assumem determinadas posições e começam a arrogância com

que elas passam a lidar com essa história do poder. É uma coisa muito complicada, sabe? E você vê isso na esquerda também. Você não vê só nos partidos da direita. A relação com o poder é uma coisa extremamente complicada. Então, eu acho que a gente tem que tá preocupado. Na minha minha cabeça, acho que essa imagem que preocupa a gente não é a imagem de você não poder, de você dizer: “Será que eu vou ganhar a próxima eleição?”. Não se trata disso. Inclusive as pessoas têm me dito isto: “Ah, se você voltar aqui, ou se você fizer um bom mandato, você já é eleita deputada estadual”. Eu nem sei se eu quero continuar sendo parlamentar. Se eu ficar extremamente frustrada, eu saio, não quero mais disputar. Não fiz isso um fim da minha vida. Eu trabalho aqui na Universidade, sou funcionária pública municipal. Tem outras coisas que eu quero fazer, né? Gosto de trabalhar com vídeo, fotografia. Então, eu quero dar minha contribuição, mas não quero aquilo ali como um trabalho, como um emprego. Agora, assim, não descarto a possibilidade, por exemplo, de acontecer, porque isso não é uma coisa que eu vou ter muita ingerência sobre isso. Eu quero fazer um bom mandato, quero fazer um bom trabalho. Aí essa história da imagem, que eu tava dizendo, Patrícia, quero poder dar o melhor que eu possa para as pessoas, entende? Assim, contribuir pra uma Fortaleza mais justa, mais humana. Uma cidade onde você não tenha... Fortaleza de uns anos pra cá tem se tornado uma cidade

Luizianne estudou até a segunda série primária no Educandário Gígia Toledo. Depois passou para o Colégio 7 de Setembro, onde concluiu os estudos secundaristas.

insuportável: violência no trânsito; a questão mesmo da violência urbana, uma coisa impressionante; a miséria tão assustadora..

**Entrevista - Luizianne, quando você fala dos problemas de Fortaleza, você cita a violência urbana ou então fala do saneamento. São problemas mais concretos, digamos assim, em que se teria mais facilidade de levar propostas pra Câmara, né? Ai quando você fala de lutar contra a homofobia, fico imaginando de que forma isso poderia ser levado pra Câmara, já que lá as coisas funcionam de uma forma realmente burocrática, ou seja, discussões, projetos de lei... De que forma você pretende efetivar essa sua luta dentro da Câmara?**

**Luizianne -** Bom, eu acho que o Parlamento tem algumas funções bem definidas. Acho que ele tem que servir como um fiscalizador do Executivo, tem que funcionar na elaboração de leis e também tem que funcionar estabelecendo a comunicação com a população. Vaiser a primeira parte de comunicação que você vai noticiar, você vai tornar público determinadas coisas que até então passavam em branco. Por exemplo, estou me referindo especificamente à essa questão da homofobia. Você dá uma ampliação muito maior. A própria prefeitura, no caso em questão, adote mecanismos, por exemplo, de punição aos responsáveis por crime de homofobia, onde o poder público passe a ter uma responsabilidade maior sobre os acontecimentos. E aí, outras coisas, por exemplo, que ajudam nisso é a educação sexual nas escolas. Você pode através da Câmara Municipal propor que as escolas municipais comecem desde já discutindo sobre a educação sexual. Porque um dos problemas — essa coisa deformada em relação à sexualidade — é devido a gente não ter nenhum preparo, porque um único preparo que a gente tem é de uma cultura já deformada sobre sexualidade, que tá sendo reproduzida e a gente vai incorporando. Ai acaba que a sociedade começa a produzir essas mazelas, essas feridas que não vêm do nada, elas vêm a partir de uma série de coisas. Então eu acho que o poder público tem como interferir. Eu acho que a homofobia foi só um exemplo. Mas, por exemplo, essa questão, ainda sobre a sexualidade, ligada à AIDS. Os postos de saúde poderiam estar distribuindo preservativos de forma regular ou sistemática pra determinados setores da população que não têm como comprar. Não adianta dizer que pra não pegar AIDS tem que usar preservativo, tem que usar camisinha, se a

camisinha é cara. Nem todo mundo tem condição de comprar camisinha.

**Entrevista - Nesse seu projeto de publicização que vai ocorrer na Câmara, que dificuldades você acha que pode enfrentar?**

**Luizianne -** Viche! Eu acho que todas as dificuldades do mundo vão aparecer. Logicamente, eu não posso dizer que na Câmara só tem gente mau caráter. Existem pessoas sérias em outros partidos. Então têm pessoas que a gente precisa buscar, conversar. Pessoas que têm uma relação com o poder diferenciada, como Legislativo totalmente diferenciada. Pessoas que estão dispostas realmente a fazer uma cidade melhor, ajudar a construir uma cidade melhor. Então, as dificuldades vão se dar em diversos níveis: desde as pessoas que vão se incomodar com o que está sendo anunciado — isso aí é até muito óbvio —, até mesmo há a

“(...) É uma coisa muito importante pra gente estimular a cultura. (...) Fazer com que as pessoas excluídas socialmente, não também sejam excluídas culturalmente.”

possibilidade de todo os meus projetos não serem aprovados na Câmara Municipal, em virtude das pessoas não concordarem, não aceitarem. Então eu acho que dificuldades vão ser inúmeras. Mas também não é por isso que nós não vamos ocupar da melhor forma possível o Parlamento. A nossa compreensão de ocupar o Parlamento é a seguinte: nós não podemos só estar no Parlamento. Acaba sendo o erro dos parlamentares de esquerda que se elegem, achar que o Parlamento se esgota nele mesmo e pronto. Não! Tem que ver como é que vai sintonizar as lutas sociais, os movimentos sociais, as lutas políticas que estão acontecendo fora da Câmara Municipal. Porque o poder político não está na Câmara Municipal, está na sociedade, nas organizações da sociedade civil, nas comunidades, nos bairros, nas favelas, nas residências. Enfim, são várias outras formas de organização. Então, eu acho que as dificuldades vão ser muitas, mas acho que as possibilidades também. Ainda bem que as possibilidades caminham às vezes juntas com as dificuldades, né? Você às vezes vê ali uma briga, mais além você começa a descobrir novas formas.

**Entrevista - Você não tem medo de resistência de seus colegas vereadores com relação a isso? Porque vai envolver todos eles no projeto de publicização. Não teme essa resistência que possa surgir?**

**Luizianne -** Não. Como eu lhe disse, acho que existem pessoas sérias lá. Eu acho que, na verdade, o compromisso maior vai ser com a população. Acho que a população, muito embora com dificuldade, vai ter capacidade de julgar. Julgar através do voto se essas pessoas são realmente pessoas que merecem estar lá representando o povo de Fortaleza.

**Entrevista - Luizianne, além da dificuldade que você vai ter na Câmara Municipal, o teu mandato tem uma característica bem peculiar que é a questão de ter sido um mandato, já na sua essência, coletivo. Ele já começa na construção do nome da Luizianne, na construção das propostas da campanha “Gente É Prá Brilhar”, uma questão coletiva. Isso em nível de campanha, de certo modo, já foi superado. Como é isso em nível de mandato? Como é fazer um mandato coletivo?**

**Luizianne -** Bom, é bastante trabalhoso, porque a democracia é realmente difícil. Você respeitar as diferenças é você realmente respeitar as diferenças. Não adianta ser democrático só enquanto lhe favorece, mas depois em outros momentos não ser. É um processo muito rico e lhe ensina muito, sabe? Então, desde o começo, como você mesma diz, Joana, foi levado de forma coletiva. É um grupo de pessoas ligadas ao PT ou pessoas que não eram do PT. Pessoas que abraçaram a campanha e que até hoje estão decidindo os rumos do mandato. O mandato vai ter uma série de instrumentos de democratização. Vão ser plenárias, encontros abertos pra que as pessoas proponham. O nosso planejamento vai ser pra quem quiser participar. A gente vai convidar profissionais ligados a diversas áreas para formar grupos de trabalho que possam interferir diretamente nesse mandato. Enfim, compreender que esse instrumento dos mandatos coletivos — das pessoas estarem participando, tendo poder de opinar — é realmente uma meta. É como se eu não acreditasse que exista possibilidade de construir uma política diferente disso daí. Eu acho que tem que ser radical na construção da democracia.

**Entrevista - Quando a gente fala em mandato coletivo, a gente pressupõe que são várias pessoas e existe uma série de diferenças. Como existe**



A vida agitada não é exclusividade da vereadora. A adolescente Luizianne era elétrica. Fez balé, estudou inglês, jogou futebol, basquete...

Para ser presidenta do DCE pela chapa *Corações e Mentes*, Luizianne disputou com outras três. Paralelamente à gestão, assumiu uma das diretorias da UNE.



Durante dois anos, Luizianne foi Secretária de Juventude do PT. Na época, dessa entrevista, ela era Coordenadora Estadual de Mulheres do seu partido.

por exemplo no PT. Você tem várias correntes que divergem entre si com relação a algumas coisas. Você não acha que as divergências podem inviabilizar alguma coisa nesse mandato coletivo?

**Luizianne** - Dentro do próprio PT que você diz?

*Entrevista* - Não, dentro do seu mandato, do próprio grupo

**Luizianne** - Não, sem dúvida. Vai ter sempre um momento onde você vai parar e vai ter que debater as diferenças. Vai se criar um consenso, ou então o grupo escolher um caminho a seguir. Você pode ter divergência, mas você precisa ter unidade de ação para que as coisas funcionem. Então isso que é importante. É importante estabelecer um consenso de que você precisa de unidade em determinadas coisas, muito embora nem todo mundo tenha a mesma opinião. É você equilibrar esse processo de diferenças, ao mesmo tempo que essas diferenças não paralitem as coisas, elas transformem em ação, em ação concreta.

*Entrevista* - Eu queria saber qual é a sua postura com relação a alianças feitas com setores mais conservadores. Se você acha que essas alianças são possíveis se visem o bem coletivo. E como o PT encara essa aliança?

**Luizianne** - O nosso partido é muito rico porque ele é um partido extremamente democrático do ponto de vista interno. A gente pode dizer que existem discussões, as pessoas têm vários pensamentos, de vários grupos políticos dentro do partido. E isso aí pra nós é uma coisa salutar. Mas dentro do partido também esses grupos se dividem em relação à compreensão da estratégia, da tática de construção partidária. Tem grupos no PT que acham que o PT pra governar precisa de aliança de centro-esquerda. Precisa está com alguns partidos que eles avaliam que são fundamentais para o partido poder se sustentar no governo. Tem outros setores que acham que não. Essas alianças não devem ser feitas, ou ainda devem ser feitas somente quando você tem possibilidade real de fazer aliança para implementar o seu projeto.

*Entrevista* - Mas como você se posiciona?

**Luizianne** - Eu não vi ainda, em nenhum momento, a oportunidade de alianças com o PSDB e o PMDB. O PSDB e o PMDB na minha avaliação, hoje, são partidos que não estão construindo projeto nem sequer parecido com o projeto democrático e popular

que o PT quer construir pra sociedade. E mais ainda, hoje, este partido (PSDB) está a frente de um projeto de globalização. Projeto que está se desenhando em nível mundial, que está globalizando mesmo é a miséria. Então, esse partido, através do presidente Fernando Henrique Cardoso, está sendo o porta-voz dessa avassaladora onda de neoliberalismo que está assolando o País. Então, como é que aqui no Ceará, por exemplo, nós vamos nos coligar com o PSDB pra fortalecer um projeto que em nível nacional nós temos grandes divergências? E em nível estadual também. Algumas pessoas defendem aliança com o PSDB dizendo: "Não, a gente tem que tá, pra poder sustentar o governo". Então estaria fortalecendo um partido que está na direita mesmo, porque é um partido que está traçando a política que tá e não vai contribuir para o PT resolver, ou implementar as suas reais metas. Então, eu acho que a aliança é a partir daí. Faz-

## "A discussão da sexualidade não é só (...) lutar contra a homofobia, esse ódio contra os homossexuais ou pessoas que têm orientação diferenciada da maioria."

se aliança, o importante é a aliança porque nenhum partido detém a verdade sozinho. O PT não detém a verdade só, ou qualquer outro partido não detém. Você tem que fazer as alianças que contribuem pra ter exatamente essa pluralidade, essa diferença. Mas essa aliança não pode ser um entrave pra que as coisas possam acontecer.

*Entrevista* - Você admite essa possibilidade de união?

**Luizianne** - Claro, por que não? Não estou fazendo aliança pra abrir mão dos meus princípios. Estou fazendo aliança tática pra votar determinada coisa ou qualquer outra coisa dessa natureza. Mas são coisas justificadas dentro dessa dinâmica política. A Câmara Municipal é espaço legislativo, quer dizer, é completamente diferente esse traço com o Executivo, a dinâmica do Poder Executivo.

*Entrevista* - Eu queria falar um pouco da sua campanha, independente de quem votou em você. Pra quem era aquela campanha? Quem era que você queria sensibilizar com a campanha "Gente é pra Brilhar"?

**Luizianne** - É, isso traz um pouco da minha própria trajetória de vida. O público-alvo da campanha seria os jovens, a juventude, né? Até porque eu fui secretária da juventude no PT, durante dois anos. E, durante muito tempo, militei no movimento de juventude estudantil. A estudantada sempre foi um setor que travou uma luta em defesa da educação. Acho que a gente também tentou falar com as mulheres, pelo fato de ser a primeira vez que o PT elege uma vereadora em Fortaleza. Também queríamos falar com as minorias, os homossexuais, os bissexuais, ou seja, as minorias que pudessem ser representadas na campanha. Então, "Gente é Pra Brilhar" é exatamente isto. As pessoas não estão aí pra serem submetidas a qualquer forma de opressão, seja econômica, social, política, moral. Mas as pessoas têm o direito à felicidade, a sua plenitude. O "Brilhar" era nesse sentido. Então, a campanha tentou falar,

acho que acabou conquistando, acho que ela acabou atingindo os objetivos, conseguiu falar. Eu lembro que no meu primeiro programa de televisão eu disse: "Nós estamos nessa campanha pra falar da liberdade". Pra nós a liberdade tem uma dimensão muito grande, ela tem vários aspectos. Então a gente tava pra falar de uma liberdade de uma forma geral. Eu acho que conseguiu atingir o objetivo, porque o perfil das pessoas que votaram... eram pessoas que buscavam mais da vida. Não só na minha, é lógico, na campanha do PT tem isso. Eu via as pessoas muito apaixonadas, né? Então, assim, falou pra essas pessoas que ainda acreditam numa sociedade diferente, acreditam que se pode construir uma sociedade justa.

*Entrevista* - Luizianne, depois que a pessoa é eleita, todo mundo votou nela. Todo mundo passa assim: "Ah, votei em ti e tal". Por isso se diz que a Luizianne Lins já tem perto de 10 mil votos de tanta gente que depois da eleição disse que votou nela. Mas quantitativamente você tem idéia de que setor saiu a vereadora Luizianne Lins?

*Entrevista* - Foram essas pessoas que você tá falando pra quem foi votado a campanha que votaram em ti?

**Luizianne** - Eu acho que sim. Eu não tinha a menor noção de quantos votos. Acho que eu fiquei bloqueada de pensar nisso, não pensava. A única coisa que a gente dizia era o seguinte: "Quantos votos precisa pra se eleger?". "Em torno de 5 mil". Sempre dizia isso: "Com 5 mil eleger, com 5 mil a gente chega lá e tal". Então, a gente teve 5.336 votos. Mas nunca parei pra dizer assim: "Quantos votos tu acha

Até os 20 anos, Luizianne morou num sítio ao lado da casa dos avós na Maraponga. "Lá era estrada de piçarra, tinha muito mato, parecia que eu morava no interior."

que tu tem?”. Eu não sabia, não tinha a menor noção e nem queria parar pra pensar nisso. Porque eu sei que essa história, esse processo mesmo, no imaginário das pessoas, é uma coisa meio... Apesar de você ter todas as indicações do mundo, nada garante que o resultado vai ser aquele. Entrei na Universidade, entrei na Emlurb (Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização). Foi o meu primeiro emprego de carteira assinada. Fui concursada. A gente trabalhou, numa época, de forma muito firme contra a privatização da empresa, da Emlurb, né? E isso foi muito bom porque a gente trabalhou com muita gente e essas pessoas sabem exatamente o que é que a gente tava querendo, quando resolveu se candidatar. E, não só isso, essas pessoas cotizaram e a Emlurb tem 2.300 funcionários. Então, acho que uma parte dessa moçada apoiou a campanha. Acho também que os estudantes. Acho que muitos estudantes aqui da universidade deram a sua contribuição e passaram adiante pra suas famílias. Acho isso aí importante. Professores da UFC também reforçaram a luta. Os professores que a gente teve junto na greve (referindo-se à greve de professores da UFC que aconteceu no primeiro semestre de 1996) também foram importantes. Eu encontrava muita gente contemporânea da época que eu fiz o movimento estudantil. Gente que estava no Centro Acadêmico, ou alguma coisa assim. Esse também foi um setor que eu acho que votou. Acho que também muitas pessoas que têm essa compreensão da sexualidade votaram. Inclusive, pessoas das mais diversas naturezas. Pessoas que são homossexuais ou que não são. O que eles falam: “O setor dos gays, lésbicas e simpatizantes”, que é o GLS. Acho também que, além disso, além desses votos aí, teve muito votos de referência, algumas pessoas que falaram para as outras, que falaram para as outras, falaram para as outras. E assim a campanha conseguiu chegar lá.

*Entrevista - Eu queria saber como você encarou a parte pesada da coisa. Porque, assim, piada sempre acontece. As pessoas encaram você ou como uma bonitinha ou então como saiu no jornal “a Barbie GLS”. Ou então como: “Ah, se você é gay e foi agredido ligue o Disk-Luizianne Lins”. Como é que você encarou o desvirtuamento de sua mensagem?*

**Luizianne** - Na verdade, sinceramente, sinceramente, eu não me importo muito com isso não, sabe. Sinceramente eu não me importo. A primeira coisa que eu queria dizer — que

eu deixei bem clara antes de ser realmente candidata, quando a gente tava discutindo — é que eu não queria abrir mão de nada, absolutamente nada das minhas ações, das minhas crenças, dos meus princípios. E graças a Deus eu me sinto assim privilegiada, por exemplo, de ter terminado essa campanha sem fazer determinadas concessões. Isso pra mim foi, talvez, pessoalmente falando, a maior vitória, de poder lidar com uma série de preconceitos que havia e que não foram suficientes pra acabar, pra ofuscar o brilho da campanha.

*Entrevista - Mas isso te atingiu de alguma maneira...?*

**Luizianne** - Não, eu acho que isso aí, Paola, é uma coisa que quando você tá na campanha tudo é muito público, né? Mas a gente já sente isso no processo do dia-a-dia. Por exemplo, eu soube

## “(...) As pessoas têm que dar dinâmica à Câmara Municipal, e não a Câmara Municipal dar dinâmica à vida delas.”

notícia que um professor... chegou uma menina pra mim dizendo que um professor lá no (Colégio) Christus, acho que foi no Christus, foi num colégio desses aí particulares, comentando que tinha sido eleita uma meninazinha do PT e que só votou nela veado e sapatão. Na hora, curi, disse: “Cinco mil trezentos e trinta e seis veados e sapatões” (risos). As pessoas vão encontrar formas e formas pra poder não acreditar que nós conseguimos chegar lá. Então vai ser tudo isso misturado, sabe? Agora assim é uma coisa que não me assusta. As pessoas têm necessidade de rotular. Agora, sempre eu acredito muito o seguinte: existem pessoas que não querem isso, que são diferentes. A gente tem que contar com as pessoas que querem mudar, querem ver as coisas diferentes. Então eu acho que todas as tentativas que podem ter feito pra que a campanha fosse guetizada, fosse rotulada, não pegou. Então eu não preciso estar dizendo mais nada pra ninguém. A resposta está na nossa candidatura ter sido a mais votada do PT. Inclusive, para setores do PT, isso também foi uma forma de falar com determinadas pessoas, não precisa estar respondendo...

*Entrevista - De se impor, né?*

**Entrevista - Luizianne, você disse que estava decidida quando se candidatou, a não fazer concessões, abrir mão de suas crenças. Mas o fato de você ser uma mulher, ser jovem e defender uma bandeira como essa polêmica da sexualidade, não lhe fez ter algum receio?**

**Luizianne** - Todos os receios do mundo (risos). O fato de a gente querer ser firme, não quer dizer que, na vida, a gente não entre em contato com todas essas contradições. E elas, às vezes, vêm com peso muito forte em cima da gente. E todo mundo sente isso quando vai um pouco contra a “maré” que a classe dominante nos impõe: modelo de sexualidade, modelo de beleza, modelos, e modelos... Toda vida que a gente vai de encontro a isso, sofre isso daí. É uma coisa normal. O problema é você sempre estar avaliando, porque é o preço que você paga. Você paga um preço. Eu sempre tenho dito isso: “Você paga um preço por tudo na vida, por todos os caminhos que você escolhe”. Você tem que estar sempre avaliando se está valendo a pena pagar esse preço, né? O preço que muitas vezes é o da exposição. Às vezes, é o preço mesmo de você sentir o preconceito. Isso é uma coisa que lhe deixa cheio de contradições. Entre em crise mil vezes, levanto a cabeça e vou pra frente de novo. É aquela coisa que a Rita Lee diz: “Chora até secar a água de toda mágoa, depois eu parto pra outra”. Não vou dizer também que não vou sucumbir um dia. Eu não queria isso, não é o que eu desejo, mas pode acontecer que eu esteja diante disso e que, emocionalmente, a final de contas as pessoas têm que ser levadas em conta no seu todo, na sua emoção, no seu sentimento, na sua sensibilidade. E enquanto eu tiver segurando a onda eu vou... E quero ter muita gente boa por perto pra poder segurar essa luta. Não só essa, mas todas as outras que vão vir junto.

*Entrevista - Luizianne, esta questão da sexualidade era um diferencial na sua campanha, pelo menos é assim que eu vejo. Existiria algum motivo especial pra você ter colocado isso como prioridade? Porque agente sabe que negro também é minoria, índio também é minoria... Enfim, essa questão dos homossexuais e da sexualidade tem algum motivo especial por trás disso?*

**Luizianne** - Tem. Pra mim, eu compreendi que hoje... Inclusive eu participei de um debate e falei sobre isso. Já dizia o poeta: “Que o amor é o importante; o sexo, um acidente;



Foi ainda na infância que as primeiras indagações sobre as diferenças sociais começaram a encucar a Loirinha. “O que me freava com relação à militância era a religião.”

Para ganhar dinheiro, a primeira coisa que Luizianne fez na vida foi dar aula particular de matemática. Na época, ela tinha uns 17 anos.



Depois que entrou no Curso de Computação da UECE, em 88, Luizianne fez concurso para Fiscal de Limpeza Urbana da Emlurb. É funcionária pública municipal desde essa época.

pode ser igual, pode ser diferente". (Fernando Pessoa, poeta português, 1888-1935). Eu acho que compreendi isso. E isso pra mim se tornou uma coisa muito forte. Eu compreendo uma perspectiva revolucionária da questão da sexualidade, de discussão sobre ela e ação sobre ela. A sexualidade é uma coisa inerente a todo mundo. Nós temos muita dificuldade de viver com ela ou de viver da melhor forma possível ela. As pessoas normalmente não falam sobre sexo ou quando falam sobre sexo é sempre num teor extremamente preconceituoso. As pessoas têm dificuldade de falar sobre isso. Isso faz com que a gente viva uma grande miséria sexual, eu uso muito esse termo, uma grande miséria sexual. Essa miséria sexual produz deformações sexuais muito graves na sociedade. A gente vê aí o índice de violência contra as mulheres, de abuso de menores, de crianças que estão sendo esturpadas, que estão sendo mortas, violentadas e tal. Então, isso também é fruto de uma sociedade doente, uma sociedade que tem a sexualidade miserável. Acho também que isso é uma coisa que todo mundo tem independente de qualquer coisa. Quem compreendeu isso muito bem foi a publicidade. A publicidade que faz a nossa falsa satisfação. Normalmente, os apelos de tudo quanto é produto que se vende, é o apelo sexual. Não é a toa, por exemplo, que programas que vulgarizam ou que barbarizam essa questão da sexualidade, são programas de extrema audiência. Porque a sexualidade não é resolvida na cabeça das pessoas, porque as pessoas têm muita dificuldade de conviver com ela. A homofobia é uma prova disso. Então, a sexualidade é uma compreensão mesma minha de que ela tem a ver com a auto-estima das pessoas, tem a ver das pessoas gostarem do jeito de si, do jeito que são, sem estarem dentro de determinados rótulos, de determinadas fórmulas, de determinado padrão de beleza. Eu acho que a sexualidade está ligada também a isso. Acho que o poder público também tem a responsabilidade sobre isso. Inclusive, escrevi agora um artigo pro jornal que eu coloco o seguinte: essa questão da sexualidade humana, desse potencial revolucionário que eu acho que a sexualidade tem, é a própria questão da plenitude das pessoas, delas se sentirem mais plenas, mais de bem com a vida, se sentirem mais felizes mesmo. Sentirem-se felizes porque não precisam se esconder de ninguém. As pessoas estão vivendo, as pessoas estão amando, sem isso ser um escândalo, sem isso ser uma anomalia, sem isso ser um pecado, né? En-

tão eu acho que a sexualidade é uma coisa que hoje está extremamente relacionada, ou deveria estar, com a discussão política. E acho que o poder público tem como ajudar não fazer essa divisão entre o público e o privado. Aí a gente esquece que esse privado não é tão privado assim. Cada vez mais nós decidimos menos sobre nós mesmos. Cada vez mais os meios de comunicação de massa acabam despertando uma série de necessidades que são muitas vezes reforçadas por eles mesmos. Eu acho que a sexualidade é uma coisa que precisa ser falada, ser dita, sabe? Eu sei que isso vai ser muito difícil porque as pessoas, como têm dificuldade de falar, também têm dificuldade de ouvir. Mas é uma coisa que pra mim precisa ser falada e dita. E no que depender de mim, vai ser falada e dita.

*Entrevista - De qualquer maneira, mesmo um dos pilares da campanha sendo um assunto tão delicado, ela foi um sucesso. Não só pela questão da votação, mas pela questão de que ficou na boca do povo o "Gente é*

**"(...) Sempre a gente consegue estar produzindo mais e avançar mais nas discussões, quando carrega essa utopia que as coisas podem melhorar."**

*Pra Brilhar". Quem fez a campanha da Luizianne? Quem era o "marqueteiro" que estava por trás, que descobriu essa jogada toda de ligar a tua imagem a uma bruxa, uma bruxa lilás que brilha?*

Luizianne - Todo mundo que estava nas reuniões contribuía. Eu acho que a campanha foi um sucesso também porque as pessoas que estavam lá fizeram muito sucesso também. Porque as pessoas tinham suas aptidões, tinham as coisas que gostavam de fazer. Elas não estavam sendo remuneradas, era um trabalho voluntário. Então, cada um fazia da melhor forma possível o que gostava de fazer. Era reconhecido por isso. Não era só a Luizianne no momento da campanha que brilhava, todo mundo que estava ali brilhava, porque cada um tinha seu brilho próprio. Essa campanha foi toda construída assim. Na época do "slogan", nós chegamos a cogitar dez tipos de "slogan". Inclusive, apesar de no DCE nós já termos usado na última

calourada — que foi uma das maiores calouradas, nos últimos anos, que essa Concha Acústica estava lotada — simplesmente apesar da gente já ter usado, eu defendi outro "slogan". E perdi na votação e fui convencida de que esse era melhor de trabalhar. Eu tento construir muito isso: às vezes, se você tem uma certa dificuldade, você precisa aprender muito a ter humildade pra poder respeitar a decisão da maioria. Então, a partir do momento que foi decidido aquele "slogan", toda a minha cabeça começou a trabalhar, a funcionar e a pensar nas peças publicitárias juntamente com as outras pessoas.

*Entrevista - Você sempre teve uma atividade de militância. Por onde você passou, você teve essa ligação com as mulheres. Você citou o caso da Emlurb. E em 1989 você se filiou ao PT. Eu queria te perguntar por que o PT?*

Luizianne - Porque eu acho que, hoje, o PT é o que está mais próximo da minha compreensão de organização partidária, onde você tem possibilidade de ter a liberdade de pensamento, de compreensão, a democracia do Partido. O fato do Partido também abraçar a luta das minorias. Hoje, pra mim, é alternativa real de poder dos trabalhadores. Não estou desmerecendo nenhum partido de esquerda. Acho que todos os partidos de esquerda são partidos sérios que querem uma sociedade nova. São louváveis, são fundamentais nesse processo. Mas na minha avaliação, o PT é, primeiro, o maior partido do país do ponto de vista de programa, do ponto de vista de firmeza. É um partido que tem uma ideologia.

Você tem critérios, tem princípios que tem que abraçar. O PT pra mim, hoje, representa, com todas as suas contradições, ainda um espaço que deve ser disputado pra fazer com que o partido cada vez mais se construa, fazendo parte da dinâmica da vida da maioria das pessoas que não só mais são os trabalhadores. O Partido dos Trabalhadores tem que ser o partido das trabalhadoras também, dos desempregados, das desempregadas. Porque a massa de desempregados, hoje, é tão grande que você tem que imaginar essas pessoas numa estrutura produtiva, nos trabalhos informais. Essas pessoas que estão desempregadas aí. Precisa ser pensado políticas pra interferir também na vida dessas pessoas. Eu acho que o PT consegue aglutinar isso. É a alternativa que a gente tem. E foi por aí que eu acabei. Resolvi entrar no PT, em 89, logo quando eu entrei aqui no Curso de Comunicação Social.

*Entrevista - Como foi o teu primei-*

Em 88, Luizianne começou a fazer pesquisa pelo Data Folha. De 89 até o início de 96, foi vice-coordenadora do instituto de pesquisa aqui no Ceará

ro contato com as idéias do partido?

**Luizianne** - Antes do PT eu participei de um outro grupo. Primeiro, me considero socialista. Não é essa sociedade que eu quero, não acredito que o capitalismo vá trazer felicidade pra ninguém. Acho que esse modelo está esgotado. Está se modificando cada vez mais, porque ele também sofre uma crise. E não é o socialismo que se apregou que era nos países do Leste Europeu. Logo depois que aconteceu o processo revolucionário, você teve um processo de avanço na democratização. Mas, logo depois, foi perda dessa perspectiva. Acabou sendo um partido que começou a ser um governo extremamente centralizado, onde começou a desaparecer o poder popular que fundamenta o socialismo, que são os conselhos populares. Pra mim não é o horizonte socialismo que eu tenho, mas eu continuo me afirmando assim enquanto socialista. Marxista também dentro do PT — inclusive porque tem grupos dentro do PT que não têm mais a referência marxista, tem uma referência em outros filósofos, em outros autores. Eu me considero marxista e acho que nós temos que avançar agora nas dificuldades e nos desafios que a gente tem pra frente. O que nós estamos vivendo hoje na história da humanidade, nós nunca passamos. “Ah! Sempre cada momento é momento”. É um momento. Mas agora a gente tem outras coisas. Nós temos a possibilidade, por exemplo, de que o mundo todo — por uma série de coisas, o avanço tecnológico, a própria questão da Internet — você tem condições de se comunicar com o mundo inteiro. Existem pessoas no mundo inteiro que estão querendo um mundo melhor. Eu tenho uma perspectiva internacional da luta política. Não se restringe nem só aqui ao Ceará, nem ao Brasil e nem aqui à América Latina. Perspectiva internacional de construção de uma outra sociedade. Se você está entrando em contato com essas pessoas é uma coisa que lhe conforta muito saber que outras pessoas em outros locais do mundo também não querem essa avassaladora onda liberal que tá matando, que tá trazendo cada vez mais o fim da humanidade. Se você pegar a relação que o capitalismo tem, por exemplo, com o meio ambiente, acabando com o meio ambiente. Coisa que não vai ter recursos, que não vão ser mais renovados e estão se acabando. A relação também que o capitalismo mantém com as crianças, que mantém com as pessoas de uma forma geral. Porque quando a lógica é o lucro, quando as pessoas querem, querem, querem mais dinheiro — e isso é a

única coisa que importa na vida — você não pode ter relações saudáveis, nem sadias. Não tem condições de você estabelecer relações saudáveis dentro de uma sociedade onde o único valor que interessa é o valor de troca das coisas.

*Entrevista - Você faz parte de uma corrente do PT que é exatamente a “Democracia Socialista”. Eu queria saber de que forma os fundamentos dessa corrente são incorporados nos seus objetivos políticos.*

**Luizianne** - Eu gostaria de afirmar que, embora sendo de um grupo político dentro do PT, a nossa compreensão é da construção do PT. Nós não falamos publicamente em nome da DS (Democracia Socialista), nós falamos em nome do PT. Somos petistas e estamos submetidos às decisões partidárias. Mas a DS enquanto um

“(...) As pessoas têm que saber quem manda, quem deve realmente mandar e dirigir o destino do Poder Legislativo ou do Poder Executivo é a maioria da população.”

grupo de pensamento, grupo político, corrente dentro do PT, ela faz essa avaliação do socialismo em nível internacional. Existe a DS filiada a Quarta Internacional, uma organização socialista internacional que tem uma série de pessoas no mundo inteiro. A DS tem uma elaboração, uma fundamentação feminista, porque nós avaliamos que não há socialismo sem feminismo. Não se pode construir o socialismo onde você tem uma sociedade com relações desiguais econômicas, socialmente e também opressão sexual dos homens, no caso, sobre as mulheres. Isso é uma coisa bastante incorporada no meu cotidiano. Também ela tem uma preocupação com a elaboração pra juventude, tendo em vista o grande potencial que a juventude tem. E também é uma corrente marxista. Nós fazemos uma leitura da sociedade fundamentada no marxismo. Enfim, eu acho que a minha compreensão política advém da compreensão também desse grupo que está no PT.

*Entrevista - Luizianne, você antes de entrar no PT fazia parte de um grupo que tinha idéias contrárias ao Partido dos Trabalhadores. O que fez você mudar de opinião e de repente se*

*filiar ao Partido dos Trabalhadores?*

**Luizianne** - Eu fui próxima a um grupo chamado Coletivo Gregório Bezerra. Esse grupo era quando eu fui pra UECE (Universidade Estadual do Ceará), porque antes de vir pra “Federal”, eu fui aluna de Ciência da Computação da UECE. Fiz um ano e meio, e lá eu fui pro C.A. (Centro Acadêmico). Foi o meu primeiro contato com um grupo político. A moçada do Coletivo Gregório Bezerra fazia críticas ao PT, porque achava que o PT, nove anos atrás, acho que mais ou menos isso, era o partido que estava conciliando com a burguesia, que o PT estava traindo os trabalhadores. Inclusive, eu tinha um namorado que era do PT e eu, na época, do Coletivo Gregório Bezerra. Ele me chamava de stalinista e eu chamava ele de reformista. Porque na nossa avaliação, o PT era o partido que tinha partido pras reformas e tinha perdido a perspectiva da transformação mais radical da sociedade. Então essa foi a primeira compreensão. Aquela história de achar que tinha que ser mais à esquerda, que tinha que tomar medidas mais radicais. E quando a gente vai também amadurecendo, entrando em contato com as entidades, no caso aqui, o movimento estudantil pra mim foi uma grande escola pra uma série de valores que eu aprendi a compreender. O respeito pelas outras pessoas, a convivência...

Acaba lhe dando mais maturidade. Eu passei a ver que o Partido dos Trabalhadores, com as dificuldades, com as contradições, apesar disso, é o partido que deve ser construído. Eu acho um partido que é hoje a referência de esquerda no Brasil. Tanto é que tudo que acontece que é ligado à luta mais acirrada, aí diz: “Era cheio de petista lá”. Quer dizer, muitas vezes, talvez não tivesse nenhum filiado do PT, mas as pessoas associam logo. Então, eu não quero perder essa perspectiva do PT. E por isso eu fui pro PT pra disputar também lá dentro.

*Entrevista - Um dos maiores referenciais que se tem da Luizianne até hoje foi o período que você passou no DCE (Diretório Central dos Estudantes). Fala-se muito da construção da Luizianne hoje a partir de uma pessoa que passou muito tempo dentro do movimento estudantil e teve uma ação muito forte dentro dele. Como foi o seu período no DCE? O que você podia apontar como as suas principais conquistas e as principais derrotas?*

**Luizianne** - O DCE pra mim foi uma grande experiência. Grandes coisas aconteceram que interferiram diretamente na vida acadêmica. Desde a



Entre os anos de 90 a 94, Luizianne ministrou oficinas de fotografia para alunos da quinta série primária do Colégio Batista Santos Dumont.

A videomaker Luizianne Lins produziu quatro vídeos: “Verde também sangra”; “Efêmera Histórica”; “Na boca da Lua” e “Beija-me com os beijos de tua boca...”



O roteiro do *Na Boca da Lua* ganhou um prêmio nacional da Associação Brasileira de Vídeo Popular. O prêmio foi o financiamento do vídeo.

eleição, no caso do reitor, Antônio Albuquerque (Reitor da UFC de junho de 91 a junho de 95), que foi indicado, não foi o eleito pela maioria da comunidade universitária. Nós tivemos uma gestão muito aguerriada, nós tivemos um embate muito forte com a Reitoria. Tudo que pôde ser feito de retaliação em relação a nossa entidade, naquele momento foi feito. A Reitoria realmente depois da posse — que nós ocupamos a posse, que não houve, foi feita com portas trancadas — a gente começou a sofrer uma série de retaliações. E a gente foi muito firme nisso. Nós não tínhamos um tostão da universidade, porque a universidade fechou todas as portas. Não rodava nada do DCE. Aliás, rodou poucas coisas, mas eram censuradas as coisas que iam pra Imprensa Universitária, só rodava o que a administração queria. Tinham coisas que se dizia: “Não roda, não roda”. Não rodava. A gente tinha que ir atrás de dinheiro pra poder rodar na gráfica e tal. Teve a história do vestibular que foi 96% de reprovação. Nós tivemos um vestibular com 96% de reprovação que fomos pra cima da Universidade. Fomos brigar pra fazer um novo concurso vestibular também. E nós ficamos muitos só nesse momento, negociando essa história do vestibular. Então, o DCE foi uma grande experiência de vida. Só tenho a agradecer às pessoas que estiveram por perto. A gestão foi muito solidária. A solidariedade foi uma coisa que eu acho que se não rolar, se não rolar num espaço de construção que já é difícil, que é cheio de problemas, que não tem dinheiro, se não tiver solidariedade, aí não tem mais nada. Porque você já tem tanta dificuldade pra lidar, que se você não tiver partilhando aquilo ali com alguém, alguém que vá lá: “vamos, nós vamos agora”. Um esmorece ali, outro está mais animado ali, você vai e puxa! Então, a solidariedade é fundamental pra construção de qualquer coisa. Isso eu trouxe da época do DCE de forma muito intensa, de forma muito forte.

*Entrevista - Você falou ai de retaliações. No material levantado pela produção, falava que você recebeu ameaças de morte no período do DCE. Eu queria perguntar como é que você lidava com isso.*

Luizianne - (Pausa). Eu, eu, inclusive, assim, quando... O que foi exatamente a ameaça. Ligaram por diversas vezes lá pra casa dizendo — parece que as pessoas sabiam que eu não tava em casa, falaram com os familiares — dizendo, sempre era a mesma coisa, que eu ia sofrer um

acidente. “Olhe diga a ela que cuidado que ela vai sofrer um acidente e tudo”. E eu só conversava com os meus companheiros lá do DCE. E via assim, primeiro, era de tornar público isso pra ver se inibia qualquer tentativa. Mas eu achava que era muito no sentido — como ainda a gente estava numa esfera de política estudantil — seria uma coisa muito mais de ameaça do que uma coisa que pudesse ser verdade.

*Entrevista - Alguma coisa mudou na sua rotina quando aconteceram essas ameaças?*

Luizianne - Eu passei a ter mais cuidados, né? Aí nesse momento você é estimulado a reforçar a luta. A sua defesa também é você reforçar a luta e ir pra cima. Mostrar que você não vai sucumbir. Porque, às vezes, isso é uma tentativa de lhe coagir mesmo, de fazer com que você... E isso acontece em todos os níveis, só que vai piorando. Porque a gente tem notícia quando determinados setores estão insatisfei-

“Porque essa história do poder pra mim (...) é uma coisa muito passageira, muito efêmera. Poder não é individual. (...) É uma coisa muito complicada,

tos, as pessoas têm... Tai a prova o Chico Mendes, tai uma prova de uma série de pessoas que foram brutalmente assassinadas em virtude do que defendiam. Então eu acho que a gente tem que acreditar que essas coisas vão ser é... que a gente... não sucumbir diante dessas coisas. É ter muito cuidado, né? Você tem que ter muito cuidado, mas nada que alterasse o meu cotidiano não.

*Entrevista - Luizianne, eu queria que você resgatasse aquele momento da posse do reitor, onde ele tava lá dentro na Reitoria preso e os estudantes todos lá fora querendo participar, aliás, se opondo a sua posse.*

Luizianne - Aquela manifestação, além de tudo, trouxe em si uma grande coisa que foi conseguir mobilizar a estudantada num momento que estava difícil. Num momento de greve. Foi uma articulação que a gente fez. A gente pregou cartaz na cidade inteira pra pegar a estudantada que não estava comparecendo. E o pessoal veio. Estava todo mundo muito indignado. Havia uma revolta dos estudantes,

havia uma revolta dos servidores e de alguns professores porque o Albuquerque por diversas vezes tinha dito que não assumiria se não fosse o mais votado. E assumiu, né? Quer dizer, foi um golpe do Conselho Superior (ela se refere ao Conselho Universitário) na época que deveria referendar a lista que a própria comunidade universitária definiu. Só que o Albuquerque que foi o último da lista, o menos votado entre professores, estudantes e servidores foi o que foi encabeçar a “lista sêxtupla”. Enquanto o (professor) Raimundo Holanda, que tinha sido mais votado, ficou no quarto lugar da lista. E o (presidente Fernando) Collor, naquele momento, se comprometia com todas as universidades que iria apontar o primeiro da lista. Então essa falsa idéia de democracia do Collor, combinada com o golpe que o Conselho deu, fez com que o Albuquerque fosse o apontado naquele momento pra ser o reitor. Então, o que é que aconteceu ali? Primeiro, a gente foi pra

lá fazer um show de protesto em frente à Reitoria e tentar convencer as pessoas a não entrarem pra posse. No dia da posse, alguns setores diziam que nós tínhamos que entrar, outros setores, que a gente devia fazer o protesto lá fora. E houve esse processo de negociação “entra, não entra”. E o reitor anterior, o Hélio Leite, disse “não”. Deixou, permitiu que nós entrássemos. Era muita gente, era muita gente. Então, as pessoas entraram. Teve até, eu soube depois, vi pela televisão, que teve briga de estudante com professor. Isso não passou pelo Conselho de Entidades. Tudo que nós fomos fazer passou pelo Conselho de Entidades. Aí tive diversas propostas, no momento, desde apagar todas as luzes, outros diziam que a gente tinha que entrar, outros diziam que tinha que jogar ovo podre. E nenhuma dessas medidas o Conselho de Entidades junto com os Centros Acadêmicos resolveu adotar. A gente ia fazer o nosso protesto, iríamos entrar e ficar lá protestando. Já que nós não tínhamos sido convidados pra posse, no caso, do interventor. Então, a gente quando entra, uma multidão de gente entra, ocupa logo a Concha Acústica. Tinham coisas interessantes. Todo mundo muito alinhado, muito arrumado pra posse do reitor. Então ficou uma coisa contrastada com aquilo ali e o reitor saiu. Quando o reitor saiu andando, vários estudantes saíram atrás. Isso eu não vi porque a gente estava tentando articular uma espécie de posse paralela, onde a gente iria empossar qualquer um outro professor. No caso, fazer uma posse paralela pra esvaziar, no

Na época da entrevista, fazia três anos que Luizianne tinha saído da casa dos pais. Dois anos, morou só e durante um, dividiu o apartamento com uma amiga.

mesmo local, lá na Concha Acústica. Mas nisso, uma multidão que estava indignada começou a andar atrás de onde o reitor estava andando. Dai começou o empurra-empurra de estudante, de professor. Aí o pessoal que levou... mesmo que não tinha passado lá no Conselho de Entidades e por isso o DCE não se responsabilizou por isso, esse grupo levou os ovos aí jogou. Foi feita uma confusão na entrada e tal. Aquilo foi uma afronta, de fato, à comunidade universitária. Nesse processo, ficou gravado até no Barra Pesada (programa policial da TV Jangadeiro, canal 12), o reitor sai mesmo fugido. Ele pula em cima do muro e sai correndo. E ainda dá uma carreira num estudante que vinha do lado dele gritando palavra de ordem. Na hora, ele tenta manter a pose até o portão, depois quando sai, já sai correndo atrás de um estudante, pula em cima de bugre e vai embora. A minha avaliação do Antônio Albuquerque, do professor Antônio Albuquerque foi a pior possível. Entrou num processo de disputa, de confronto mesmo com o DCE. E teve esse segundo momento que foi a retaliação da "sexta-feira 13". Foi uma sexta-feira 13, realmente, a primeira retaliação que teve ao DCE devido à história da posse. Toda a sociedade ficou sabendo que a comunidade universitária não queria — bem ou mau, teve os incidentes — mas viu que nós não queríamos, que aquilo ali era um processo que estava ferindo a democracia interna dentro da Universidade e que nós não queríamos o Albuquerque como reitor da Universidade. Aí nisso, depois da história da posse, nós solicitamos a Concha Acústica que nunca tinha sido negada, fazia muitos anos que calourada era na Concha Acústica. Então a primeira coisa que a gente sofreu que a Concha Acústica não poderia ser cedida, porque a conta de luz da Universidade estava muito alta. A resposta foi essa. Em virtude disso, não iam ceder a Concha Acústica. Nós achávamos que se naquele momento a gente recuasse, nós não íamos conseguir nunca mais a Concha Acústica. Perder o espaço da Concha Acústica?! Assim, porque o espaço público da estudantada e tudo. Vamos pra cima! Então no dia que a gente tinha marcado a calourada, nós resolvemos fazer a calourada em frente à Reitoria. Os portões estavam fechados, nós montamos lá o carro de som e todo mundo veio pra cá, um número muito grande de estudantes também.

*Entrevista - No meio da avenida?*

**Luizianne** - No meio da avenida. Interrompemos a avenida e ficamos lá.

Nisso, estava tendo um coquetel lá na Reitoria. Inclusive, o reitor, o interventor, ficava olhando pra gente lá de cima da sacada da Reitoria. A gente tudo lá embaixo, né? Aí começa a discussão dentro do próprio grupo dos setores do movimento estudantil. Um grupo dizia que tinha que entrar, aí foi pensada várias formas pra isso. Nós pensamos, inclusive, fazer um grande — como era muita gente — dava pra dar um grande abraço na Reitoria. E quando fosse o momento, todo mundo onde estava pulava pra dentro. Aí se pensou em mil coisas, em mil formas e tal. E aí vai-não-vai... Então nós que estávamos naquele momento no DCE, umas pessoas diziam: "Tem que entrar", outras diziam que não tem. Então um amigo nosso, começou a falar e tal, que ele era representante da UNE aqui, começa a falar. Esse grupo tava defendendo que entrasse,

**"Eu nem sei se quero continuar sendo parlamentar. Se eu ficar extremamente frustrada, eu saio, não quero mais disputar. Não fiz isso um fim da minha vida."**

nós estávamos defendendo que não, que nós não deveríamos entrar inicialmente, aliás, posteriormente, essa discussão veio depois. A primeira coisa foi isso: ele sobe em cima lá do muro da Reitoria e começa a falar e tal e disse "que era um absurdo não ser aberto para os estudantes" e pula. Na hora que ele pula, a Reitoria estava lotada de policiais atrás das mangueiras. Na hora que ele pula, os policiais vêm pra cima, ele leva muita borrachada e praticamente é jogado de volta. Nisso, a gente viu o aparato policial fortíssimo, batalhão de choque. Muita gente. Aí começa a discussão. Um grupo diz que tem que entrar e enfrentar a polícia. Nós avaliávamos, naquele momento, não tinha condição da gente fazer aquilo. A gente ia fazer um protesto forte, tirar uma comissão e ir lá, e fazer um grande protesto lá fora, e fazer a nossa calourada pra acumular força pra gente poder ocupar a Concha Acústica posteriormente. Nisso, a proposta que passou foi que nós não deveríamos entrar, deveríamos fazer nossa calourada lá e tirar os encaminhamentos pra ver como se daria a luta pra reconquistar a Concha Acústica. Ali era o primeiro momento da luta. Quando chega alguém pra mim e diz assim:

"Luizianne, é bom apressar, é bom apressar a saída daqui porque os policiais estão tirando as identificações". Isso é um sinal, que eles vão bater. Aí a gente começa ficar aperreado. Aí acabou a nossa manifestação, vamos agora pro outro lado. Da Reitoria, viemos aqui pro Centro de Humanidades. Onde agora tem os computadores, tinha um pátio. Então nós viemos pra esse pátio pra gente encaminhar um processo de luta: o que nós íamos fazer daqui por diante. Quando as pessoas estão vindo, estão inclusive de costas pra Reitoria, a polícia dispara a bater e a perseguir. Aí foi polícia correndo pra tudo quanto foi lado. Era um desespero você ver os carros passando e aquela polícia toda atrás. E eles batendo, onde pegasse batia. Foi gente caindo no chão, gente correndo pra... arrastamos os estudantes de dentro da Residência Universitária. Aqui na ADUFC (Associação dos Docentes da UFC), o professor Flávio Torres... Um aluno saiu correndo, a polícia saiu atrás, quando chegou lá, ele puxou a arma, o professor Flávio Torres foi se meter e disse: "olhe você não pode entrar aqui não". Ele apontou a arma pro Flávio Torres dentro da sede da ADUFC. Quer dizer, não pode entrar polícia numa Universidade se não for com autorização. A polícia não quis nem saber disso. As pessoas pulavam, a polícia pulava atrás e batia até onde pudesse e onde desse. Foi um terror, foi um terror.

*Entrevista - Tu apanhaste?*

**Luizianne** - Eu não apanhei porque corri muito. Mas eu me arrebentei porque quando eu estava correndo, o policial, na hora que me viu — nós estávamos juntos, aí correndo desesperados, correndo — aí o policial disse assim: "Pega a loirinha! Pega a loirinha, que ela tava com o microfone na mão". Aí, eu saio correndo, correndo, correndo feito uma desesperada. Nisso eu tropeço, rasgo a calça, machuco o joelho. Depois eu tive até que engessar o joelho. E nisso aí, dois estudantes vêm atrás, me pegam só pelas mãos, me levantam e a gente sai correndo. Eu subo aqui no prédio do CAEN (Mestrado em Economia). Quando eu chego no último andar que eu passo o cadeado, eles não conseguem subir. A polícia fica do outro lado. Parecia assim... era ridículo. Parecia que a gente tava vivendo, assim... Era inacreditável o que estava acontecendo, aquilo ali. E por azar do Albuquerque, caiu numa sexta-feira 13, né? E também estava se fazendo 23 anos ou 25 anos — é bom depois pegar essa informação precisa — do aniversário do AI-5.



Luizianne se considera uma pessoa feliz apesar das crises e contradições. Ela deve isso à compreensão que tem hoje de algumas coisas. Exemplo: sua finitude.

Para ela, o amor é único, absoluto. "O amor é o amor. Ele pode apenas estar combinado com outros sentimentos como tesão, paixão, solidariedade, companheirismo, respeito"



"Apesar das diferenças, a mãezona Luiza Maria de Oliveira Lins é uma das pessoas que Luizianne mais admira na vida. "Ela foi muito importante na minha vida pelo dinamismo dela".

**Entrevista -** *E aí? Saiu na imprensa? Foi super "badalado"?*

**Luizianne -** Foi. Inclusive, porque a polícia bateu em quem apareceu. A imprensa apanhou que só. Teve coisas que não foram registradas porque os policiais arrancaram os filmes. Não sei se vocês pegaram em jornal, a polícia arrancou os filmes que foram flagrados, as fotos que foram feitas. A polícia tomou, não saiu foto. Aí a manchete no outro dia era: "UFC vira praça de guerra". Foi realmente isso. Foi uma praça de guerra que a Universidade, naquele dia, se formou. Então isso foi uma coisa que abalou a opinião pública, né? Os estudantes foram realmente espancados. Teve gente com o braço quebrado, com a cabeça arrebatada. Foi um terror, foi um terror.

**Entrevista -** *No domingo seguinte, dia 15, no jornal "O Povo", o reitor admitiu ter convocado a tropa da polícia, mas afirmou também que vocês tinham recebido autorização pra utilizar a Quadra do Céu na festa, que a Concha Acústica seria somente pra eventos formais, e que na realidade a bagunça toda era porque havia um grupo querendo disputar o CA e fizeram aquela confusão. Como é que vocês responderam a isso junto aos estudantes e até mesmo à imprensa?*

**Luizianne -** Bom, primeiro lugar, nós não queríamos a Quadra do Céu, nós queríamos era a Concha Acústica. A Quadra do Céu não comporta os estudantes da UFC. Imagina a calourada na Quadra do Céu. E outra coisa, se não tivesse a Concha Acústica naquele momento, não tinha nunca mais. A Concha Acústica sempre foi dos estudantes. Os estudantes fizeramos eventos, nunca depredaram. Por que alguém não podia ceder pra gente? Que eventos formais eram esses, que atendiam só à Reitoria? Então a primeira coisa era isso, eles podiam dar qualquer outro local da universidade, mas nós queríamos a Concha Acústica, porque a calourada é pra ser realizada na Concha Acústica, né? Segunda coisa, pra nós, dizer que era evento formal, não justificava. Não justificava. Aquilo ali foi uma retaliação por conta da posse e tava muito claro. E que o reitor queria agora ser o verdadeiro ditador dentro da Universidade. Outra coisa é que, depois da posse, saiu uma nota, o reitor chamando os estudantes de baderneiros e nós respondemos com uma nota também: "Baderneiro é o interventor". Aí durante muito tempo a palavra de ordem era: "Ô, ô, ô, baderneiro é o interventor! Ô, ô, ô, baderneiro é o interventor!" (canta-

rolando e batendo palmas). Porque baderneiro era ele que acabou provocando uma situação onde toda a comunidade universitária estava revoltada. Então ele estava provocando a baderna. Ele é que era o baderneiro. Então a gente saiu com isso aí. Se dizia que o baderneiro era ele porque esse tipo de postura que ele tomava, naquele momento, não estava contribuindo pro diálogo, nem pra uma abertura entre professores e estudantes, servidores e administração superior.

**Entrevista -** *Luizianne, outra coisa com relação a esse período é o seguinte: você afirmou que a história do vestibular que houve em 92, no meio do ano, foi uma conquista do DCE. Mas o fato do Restaurante Universitário que foi fechado e permanece. Você considera que isso tenha sido uma derrota?*

**Luizianne -** Uma semana depois que a gente tomou posse, a gente fez um ato no Restaurante Universitário

**"Quero poder dar o melhor que eu possa para as pessoas, entende? Assim, contribuir pra essa Fortaleza. Pra uma Fortaleza mais justa, mais humana."**

do Pici onde a gente fez uma macarronada. A gente foi pra lá, passou a noite cozinhando, fazendo a macarronada pra poder fazer um ato no R.U. Pra mostrar e começar logo com isso. E olhe, nós fizemos em torno de uns vinte atos pela abertura do Restaurante Universitário. Pra vocês verem a intransigência da administração superior. E sempre as respostas eram negativas. Como foi um período de embate muito grande e também logo depois teve o processo do Fora Collor, eu avalio que uma coisa que eu gostaria que a gente tivesse conquistado seria a abertura do Restaurante Universitário. E infelizmente hoje ele não está. E isso é uma coisa que atrapalha a vida de muitos, mas muitos estudantes que hoje estão na Universidade. Porque a gente compreende a assistência estudantil não como uma dádiva, como um assistencialismo da universidade para com os estudantes. Mas a gente considerava a assistência estudantil como um dos fundamentos da vida acadêmica, né? Então eu acho que nós deixamos a desejar com relação à abertura

do Restaurante Universitário. Agora com muita luta, teve muita luta. Fizemos uma passeata das velas aqui à noite. Todo tipo de mobilização que podia repercutir foi feita. Só que a intransigência da administração não permitiu porque dizia que não tinha mais verba e a prioridade era outra. A prioridade era botar calçamento na universidade. Era essa história do vestibular. De uma hora pra outra ficar o vestibular totalmente... Mudar as regras do vestibular na véspera pra criar... A administração naquele momento, o objetivo dela era fazer coisas bombásticas. Só que coisas bombásticas e vazias. "Vamos mudar o vestibular..." Aí mudavam os critérios do jeito que eles queriam. A administração não tinha uma perspectiva real de mudança da nossa Universidade.

**Entrevista -** *O que realmente impulsionava vocês militantes do movimento estudantil, na época, a ter esse sangue reivindicatório? Tudo vocês estarem reivindicando?*

**Luizianne -** Acho que primeiro de tudo é a insatisfação e a rebeldia mesmo. Acho que tem que ser rebelde. Eu acho que as pessoas têm que ser rebeldes. E não têm que ser só rebeldes enquanto são jovens não. Sou contrária a essa história que diz que quando é jovem é incendiário, quando fica mais velho é bombeiro. Eu acho que as pessoas têm que ser incendiárias até o fim. Acho que a rebeldia é fundamental pra mover qualquer coisa. Então a primeira coisa era essa rebeldia. E outra coisa era o seguinte: a minha compreensão das coisas não se encerrava na Universidade. Eu era filiada a um partido, tinha um projeto... Sou filiada a um partido, tenho uma perspectiva global. Esse partido tem um projeto pra universidade e era a história de está disputando palmo a palmo esse projeto dentro da universidade, né? Então isso foi uma coisa que moveu muito.

**Entrevista -** *A gente vê, principalmente nos espaços onde se dão os embates ideológicos, que os políticos — aliás, não só os políticos, os homens públicos em geral — distinguem bem o público do privado. A gente vê que, às vezes, políticos de partidos opostos, de repente, têm um campo pessoal que eles até depois saem juntos, são amigos. Você, na época do reitor, disse que não tinha nada de pessoal. Você lutava pelo que representava. E hoje? Eu pergunto: se por uma razão ou outra ele fizesse parte do ciclo de amizades. Você acha que teria essa possibilidade, ser amiga do Antônio Albuquerque?*

"Luizianne" e o computador, por dias e noites, foram parceiros dos produtores dessa entrevista. A edição se arrastou por quase três meses depois do prazo inicial da entrega do trabalho.

Luizianne - Bom, acho que a gente não deve ter ódio das pessoas. Principalmente nós que estamos querendo construir uma sociedade sem ódio. Nós não temos ódio individualmente das pessoas. Nós temos que combater isso e ser firme no embate do projeto que essas pessoas estão construindo quando você acha que não é por aí. Mas, questões pessoais contra as pessoas, acho que a gente não deve nutrir. A não ser que seja mau-caratismo, desonestidade. Tem algumas coisas que são de princípios, né? Mas eu acho que a gente pode ter uma relação pessoal com alguém e não ter uma relação política, por exemplo. Pode haver essa diferenciação. Não era o caso do Albuquerque. Porque, primeiro, a gente conversou muito pouco. Não existia nenhum tipo de diálogo mesmo. O DCE, durante o processo todo, a gente conversava muito com os pró-reitores, mas nunca com ele diretamente. Então, assim, não tinha essa possibilidade.

*Entrevista - Um fato bem marcante de quando você era presidente do DCE foi o "Fora Collor" que o DCE também participou. Eu queria saber qual era a compreensão de vocês, naquela época, dessa participação. Porque se falava muito nos caras-pintadas que ajudaram a derrubar o Collor. Qual era a compreensão de vocês daquelas manifestações ali?*

Luizianne - Nós tínhamos uma posição diferenciada do grupo majoritário da UNE, a União Nacional dos Estudantes. Achávamos correta a bandeira "Fora Collor, Impeachment Já". Mas pra nós, tinha que avançar na discussão do que ia ser feito posteriormente. Nós não queríamos tirar o Collor pra botar, por exemplo, o Itamar Franco. Uma coisa que eu gosto de falar do movimento "Fora Collor" porque foi um momento, onde a juventude brasileira, onde os estudantes tinham um inimigo comum. Como já tinham tido um inimigo comum na época da ditadura, novamente tinham um inimigo comum: era o Collor. Só que, na verdade, nós tínhamos a compreensão de que o "Fora Collor" era um movimento também de alguns setores da classe dominante. Ele não foi um movimento essencialmente estudantil, né? Ele também foi um movimento que trouxe descontentamento de setores da classe dominante que estavam insatisfeitos com a política que o Collor estava implementando. Então, essas pessoas também contribuíram para se formar aquele grande movimento. Os meios de comunicação de massa, por

exemplo, foram um grande aliado daquele movimento. Os meios de comunicação foram fundamentais. Primeiro, pra se criar essa imagem dos caras-pintadas. Apesar de que teve lá os pintadas, mas começou a se dar uma repercussão. Inclusive, na época, quando fazia essa discussão — porque foi muito falada a campanha do Fora Collor — mas não foi uma campanha em que a massa de estudantes que tava ali não era uma massa estudantil universitária. Os universitários participaram num nível menor do que os estudantes secundaristas, naquele momento. Porque talvez discordassem já da própria essência do movimento. Sabiam que não estava no Collor o problema brasileiro, como muitos setores da classe dominante queriam fazer crer. E não era também um problema de corrupção só. Existia, de uma forma geral, aquela coisa que foi escandalosa, mas não era isso só. E a gente tinha essa compreensão e a gente achava que tinha que participar do "Fora

“(...) Essa coisa deformada em relação à sexualidade é devido a gente não ter nenhum preparo (...). O preparo que a gente tem é de uma cultura já deformada.”

Collor". E mesma pinteira a cara várias vezes. Tinha que participar daquele processo. Até porque muita gente que hoje é estudante universitário que a gente conhece, viveu, na época que era secundarista, aquele movimento e isso fez abrir os horizontes pra história do protesto, da contestação. Era tão notório, assim, que a própria polícia, que serviu como um aparelho de repressão na época da ditadura, protegia as manifestações. A polícia, muitas vezes, garantia a segurança das pessoas na manifestação. Então, quer dizer, não foi uma vitória essencialmente da sociedade civil brasileira. Mas foi importante. Foi fundamental. Porque toda vez que você tem um processo onde envolve muitas pessoas, onde tem discussão, onde as pessoas reivindicam, as pessoas têm a possibilidade de fazer reflexões, isso é um crescimento. Isso aí ninguém pode negar. Teve limitações, mas também foi um movimento importante. A nossa relação era essa. Nós achávamos que tinham que ser pensadas alternativas à saída do Collor. Até, por exemplo, o Itamar Franco assumir provisoriamente, até a convocação de eleições presidenciais novamente. Naquele momento, o governo estava todo comprometido, porque o Collor não tomava as decisões sozinho. Então, nossa avaliação era isso. E teve divergências nisso, mas a gente construiu o "Fora Collor". E foi uma experiência maravilhosa. Eu lembro de ter falado pra em torno de 50 mil pessoas na época do movimento "Fora Collor", na Praça José de Alencar. Foram momentos muito ricos, de muita energia, sabe? E a gente colou. Era Fora Collor e Interventor. Depois a palavra de ordem era "Ô, Ô, Ô, Fora Collor e Interventor". Nós afirmávamos que o reitor tinha sido indiretamente nomeado pelo Collor. O Conselho Universitário deu o golpe aqui, mas o Collor lá reforçou o primeiro da lista. (pausa)

*Entrevista - Logo depois que você entrou no DCE, houve um rumor de que você se candidataria a vereadora. Eu queria saber o que foi que aconteceu? Por que não houve essa candidatura? Por que que você pensou na candidatura?*

Luizianne - O fato da gestão do DCE acabar deixando aquela gestão muito em evidência pelos embates com a administração — sistematicamente vocês tiveram a oportunidade de acompanhar pelos jornais, saiu muito das atividades —, isso fez com que se criassem alguns referenciais eu acho. As pessoas começaram especular. "Ah, Luizianne vai ser candidata e tal". Um jornalista, um colega nosso, botou uma notícia no jornal. E a partir daí, isso acabou ficando público. Alguns setores achavam que era importante e fizeram até uma reunião aqui no curso de Comunicação Social. Tinha um professor, na época — inclusive o professor Gilmar de Carvalho que era um dos mais empolgados — que estimulava a saída da candidatura. E aí começou assim. Teve uma repercussão tão grande e positiva naquele momento que aí começou-se a cogitar essa possibilidade. Mas aí a gente discutiu isso, fez uma avaliação...

*Entrevista - A gente quem?*

Luizianne - O meu grupo no PT e o PT também. O grupo fez uma avaliação se era interessante lançar essa candidatura. E aí fomos conversar com a diretoria do DCE, porque o DCE, naquele momento, tinha acabado de assumir a gestão. E a diretoria do DCE foi contra. A avaliação que foi feita era que poderia prejudicar a construção do movimento estudantil, devido uma série de lutas, embates e tal. Aquela história que algumas pessoas podiam



A produção *ralou* pra encontrar um tempinho na agenda da loirinha. A pré-entrevista foi desmarcada várias vezes. Mas depois, ela abriu o baú e mostrou todo o seu arquivo.

Durante toda a entrevista, Luizianne gesticulou muito, parecia que falava com as mãos. A voz saltava a um ritmo alucinante.



A entrevista foi na Sala de Reuniões do Departamento de Comunicação Social e Bibliotecologia da UFC.

dizer que era oportunismo. Que era só pra projetar. Nós tínhamos tido a vitória do DCE, que tinha sido inclusive uma vitória muito boa. Participação de muitos estudantes. E nós tivemos 52% da votação, onde disputavam três chapas. Inclusive uma chapa que a Reitoria tinha colaborado assiduamente pra que pudesse disputar conosco. Por responsabilidade como movimento estudantil, na época, a gente avaliou que não seria interessante lançar a candidatura, né? Pra não ter qualquer repercussão negativa. E porque poderia ter um processo mesmo de desmobilização das pessoas.

**Entrevista - Você se considerava imatura, na época?**

**Luizianne -** (pausa) Normalmente, a maturidade da gente está sempre na nossa esfera de vivência. Eu acho que... talvez eu me sinta muito mais. Até porque isso foi há quatro anos atrás, foi em 92. A gente vai amadurecendo. O DCE foi uma experiência posterior que me fez amadurecer muito. Então eu acho que foi correto naquele momento não ter lançado a candidatura. Hoje eu faço essa avaliação de forma muito tranquila. E que a possibilidade de ter estado no DCE, de ter ficado no DCE, pra mim foi uma experiência maravilhosa que eu não teria se tivesse saído do DCE pra ser candidata naquele momento. Hoje eu me sinto muito mais preparada, muito mais segura, muito mais tranquila pra poder levar esse sonho, essa luta a diante.

**Entrevista - Luizianne, a gente tem a sensação de que tu deve ter feito a revolução no berçário, tá entendendo? Aquela pessoa que chegou no berçário e fez aquela revolução. Eu queria então que tu contasse pra gente como foi a tua entrada no Centro Acadêmico, porque me parece que é onde se fomenta a questão do movimento estudantil. Sem levar em conta a questão dos grêmios. Da questão universitária. É onde se fomenta a questão do movimento estudantil e provavelmente deve ter criado esse perfil da Luizianne política. Como foi a tua participação nesses CAs?**

**Luizianne -** Eu fui do CA de Computação na UECE, era Secretária de Assuntos Estudantis, aí resolvi abandonar o curso e vir pra UFC fazer Comunicação. Logo que a gente entrou, disputou uma chapa, que era a chapa *Liberdade de Expressão*. Eu tava no primeiro semestre, muita gente do primeiro semestre disputou. Essa chapa perdeu. Essa chapa, nessa primeira disputa perdeu pra uma chapa que já estava no DCE.

**Entrevista - No CA.**

**Luizianne -** No CA. No decorrer do ano, essa gestão se desmobilizou. Teve uma desmobilização e o Centro Acadêmico estava com uma dificuldade de funcionar. Na gestão seguinte, a gente lançou a chapa *Outras Palavras*. Foi nossa gestão do DCE, Outras Palavras. Aliás, do Centro Acadêmico, e também teve disputa. Duas chapas disputaram. Mas aí a gente conseguiu a grande maioria dos votos. Depois que eu sai do C.A. — teve um momento até que eu era presidente do C.A e vice-presidente do DCE, logo depois que terminou a gestão — eu fui disputar o DCE. Nesse momento, uma coisa que me deixou muito feliz é que no curso de Comunicação, de 137 votantes, foram 133 na nossa chapa, 1 voto na outra chapa e 3 votos em branco.

**Entrevista - Nem a própria chapa votou, né? (risos)**

**Luizianne -** Não, mas não tinha ninguém da chapa, no caso do DCE que eu estou falando.

“Então, eu acho que as dificuldades vão ser inúmeras. Mas também não é por isso que nós não vamos ocupar da melhor forma possível o Parlamento.”

**Entrevista - Ah... Certo.**

**Luizianne -** Isso pra mim foi super gratificante, porque representava um reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no C.A. que a nossa gestão teve. Isso pra mim foi uma coisa extremamente feliz. Isso foi motivo até de notinha no jornal. Isso foi uma coisa muito rica. Porque no C.A você tem a possibilidade de estar mais perto das pessoas, dos estudantes. Você trabalha de forma mais próxima das pessoas. O DCE é uma coisa mais geral, mais abstrata. O C.A é aquela coisa ali mais colada. E pra mim, a experiência do C.A. me deu subsídio pra viver o DCE depois. Foi quando de fato, eu comecei a entrar em contato com a vida acadêmica. Com a vida militante, né? Na minha avaliação houve também um momento que teve uma desmistificação dessa história de partido no Centro Acadêmico. Muito embora, você possa ser filiado a qualquer partido. Até é importante as pessoas se filiarem a partidos políti-

cos, mas eu nunca achei que a dinâmica das entidades estudantis devia ser a dinâmica do seu partido. Você sempre tinha que estar se submetendo ao fóruns que o próprio movimento tinha. Você podia ter idéias partidárias, compreensão partidária da vida, da universidade, mas você iria disputar, como qualquer outra pessoa, você iria disputar essas idéias num processo democrático. Eu acho que a gente conseguiu fazer uma gestão que contribuiu muito pro curso de Comunicação.

**Entrevista - Luizianne, esse período no curso em que você fez Comunicação, aconteceu represália por parte de algum professor, depois do episódio da Reitoria, sabendo que você era militante, “baderneira” nas palavras dele lá...**

**Luizianne -** Não. Eu não tenho muito o que falar dos professores daqui. Os professores do Curso de Comunicação sempre foram muito estimuladores. Nunca senti esse tipo de retaliações. As pessoas estavam assim, porque existe uma coisa dentro da universidade que é essa história do corporativismo, né? A ADUFC naquele momento não tomou uma posição, porque a *base* disse que consideraria o reitor interventor. Ela fez críticas ao processo, mas não tirou essa mesma posição em assembleia. Assembleia dos professores. A diretoria defendia isso, mas não foi aprovado entre os professores. Mas os professores sempre foram muito solidários. Sempre foram muito solidários. Nunca senti que algum professor estivesse torcendo contrário à nossa luta.

**Entrevista - Essas duas gestões do Centro Acadêmico. Num primeiro momento a gente percebe que se queria, na verdade, manifestar o pensamento. O próprio nome já diz: Liberdade de Expressão. E aí você parte da primeira gestão pra segunda e num segundo momento a gente vê...**

**Luizianne -** Não segunda gestão. A primeira (disputa), a outra chapa ganhou.

**Entrevista - Mas você vê que se parte de um desejo de liberdade de expressão para o desejo de expressar Outras Palavras. Isso era uma tentativa de renovar o movimento estudantil, de pensar isso de uma maneira diferente?**

**Luizianne -** É. Começando que nós passamos a ser uma chapa de oposição ao Centro Acadêmico. Quando nós disputamos, a chapa de oposição que era *Outras Palavras*, íamos tentar — que eu acho que o grande

Luizianne respondeu às perguntas formuladas sempre olhando em direção de quem perguntou, mostrando sinceridade e atenção

desafio do movimento estudantil hoje é tentar outras formas de estabelecer diálogo, comunicação com as pessoas. Então, seria Outras Palavras nisso aí. Vamos ter o cuidado de realmente estabelecer o diálogo com as pessoas. Acho que Outras Palavras vem muito daí. E também porque marcava uma oposição à administração que estava lá. Seriam outras palavras mesmo. Então acho que foi um pouco dessa simbologia também.

*Entrevista - Você falou ai de um capítulo do movimento estudantil. Há uma crítica ao movimento estudantil que diz que ao invés dele trocar posições num embate democrático, ele coloca posições fechadas. Eu queria saber o que você acha disso?*

**Luizianne** - Olha, eu acho que o movimento estudantil é uma coisa muito importante na sociedade de uma forma geral. Acho que é muito importante você ter a indignação da estudantada, dessa juventude. Porque é um movimento que lhe coloca diante dos primeiros conflitos em relação à sociedade. Quando você vem, normalmente, da classe média, você entra na universidade e tem a possibilidade de avaliar e reavaliar uma série de coisas na sua vida. E dentro dessas coisas, até mesmo o fato de... Você desmistifica a questão da sexualidade. Você entra na universidade, as pessoas são muito mais abertas. Desmistifica no sentido de que você ainda entra aqui com uma série de preconceitos. Muda também o referencial em relação ao processo econômico da sociedade. Você não tem aquela visão de que tem pobre porque Deus quer, que tem rico porque Deus quer. Você começa a entender que existe uma lógica de política que está por trás do que está acontecendo. Então isso é uma coisa que eu sempre digo, assim, a universidade por mais problemas que ela esteja vivendo, sempre vai ser um berço, vai ser um celeiro de idéias, de idéias revolucionárias, de coisas que podem ser diferente do que tá aí. Eu acho que muito importante, é fundamental essa estada na universidade. E o movimento estudantil é parte integrante disso. O movimento estudantil não é só o movimento de milhares de estudantes na rua. É um movimento de estudantes. Recriando, discutindo, se rebelando, se colocando contra o que está aí. Esse movimento não está parado, ele existe. Sempre tem gente reivindicando. Agora, grandes acontecimentos de massa é aí que está a dificuldade de se conseguir juntar as pessoas pra reivindicar. Mas eu acho que o Movimento teve um papel fundamental na sociedade brasileira e con-

tinua tendo. Só que é preciso enfrentar os novos desafios. E quais são os novos desafios do Movimento Estudantil? É a grande maioria não poder ser militante profissional. Muito cedo hoje a juventude entra no mercado de trabalho. Nós jovens temos que batalhar. E você já deixa de ter mais tempo pra se dedicar à construção das entidades estudantis. Outro desafio é qual o papel social do Movimento Estudantil? Essa discussão que a gente passou a ter de uns tempos pra cá. O movimento estudantil se coloca mais como um movimento fora da Universidade e além dos muros da Universidade. Em determinado momento, a gente avaliou que o caminho era os projetos de extensão. Mas aí se viu que era difícil porque a institucionalidade, a própria burocracia da Universidade impedia um pouco essa coisa de uma forma mais participativa mesmo. Então eu acho que hoje o que se busca, o grande desafio é descobrir o papel social do Movimento Estudantil. Acho que o movimento de massa ainda é uma

“(...) As dificuldades vão ser inúmeras, mas as possibilidades, também. Ainda bem que as possibilidades caminham, às vezes, juntas com as dificuldades, né?”

grande expressão, um momento muito importante da luta por uma sociedade melhor. Eu acho que por mais que as pessoas digam que “Ah, porque estamos precisando de outras formas de luta e tudo”... Precisamos sim, mas não podemos perder a perspectiva de que a luta de não sei quantos anos atrás continua sendo a mesma, os problemas são os mesmos. Então as pessoas não podem camuflar isso, escamotear isso aí. Vivemos o mesmo problema que é a Universidade se acabando e o Movimento Estudantil é parte dessa conquista, dessa defesa da Universidade pública. Não só o Movimento Estudantil universitário, mas eu digo também o Movimento Estudantil secundarista. Esses movimentos são movimentos muito importantes na construção da consciência individual das pessoas e também importante na construção da opinião na sociedade. Eu acho que o Movimento Estudantil precisa recobrar, retomar o seu papel social e não é uma crise de direção como muitas vezes a gente tinha essa discussão. Tinha gente que dizia que era

crise de direção, que o pessoal que tava lá era pelego. Não é isso. A classe dominante diz que é o fim da história, com a queda do muro, com os problemas lá do Leste Europeu. Então existe uma crise também individual nas pessoas muito grande. Uma coisa meio que generalizada. Eu avalio que nós, com muita dificuldade, estamos superando isso. E eu acho que isso vai refletir posteriormente numa nova reorganização do Movimento Estudantil.

*Entrevista - Luizianne, dentro dessa perspectiva que você falou de que as pessoas sugerem novas formas de luta. Mas será que não seria o momento de as pessoas se rebelarem por completo e deixarem de exigir todas essas coisas, educação, saúde, enfim, tudo isso de um segundo personagem que é o Estado, e passarem a estabelecer formas de auto-gestão mesmo? Em que elas possam se autogerir e determinar o que que elas querem pra elas e encontrar os caminhos?*

**Luizianne** - É, mas isso você precisa de mecanismos pra democratizar essa participação. Eu acho que esses movimentos reivindicatórios são parte de forçar essa democratização. Por isso, que eu estou defendendo aquela história do orçamento participativo. Que possa ser feito nas cidades, que possa ser ampliado para os estados, pra que realmente a gente tenha poder sobre o que está sendo gerido financeiramente, inclusive os recursos das pessoas. Os recursos que nós estamos dando através dos nossos tributos às administrações.

*Entrevista - Luizianne, eu tenho uma dúvida sobre o Movimento Estudantil, sobre a questão que o Movimento Estudantil muitas vezes se prende a questões muito amplas. Por exemplo, política nacional. Qual é a tua avaliação de conseguir relacionar uma política mais ampla e uma política mais voltada pra questões específicas do estudante e da universidade?*

**Luizianne** - Essas coisas não são antagônicas, muito pelo contrário. Eu acho que o grande desafio é saber como elas podem andar da forma mais equilibrada possível. Não adianta você querer convencer somente as pessoas a lutarem por uma sociedade nova, diferente, se essas pessoas não trazem dentro dessa luta, a sua luta pra mudar coisas que estão no seu cotidiano. Só que a importância de compreender que as lutas cotidianas precisam construir uma luta mais geral. E aí, a idéia da radicalidade. Eu me considero radical. Me considero radical porque eu acho que a radicalidade está em você



A buzina dos carros e o barulho dos ônibus que passam pela avenida da Universidade, aqui e acolá, incomodavam um pouco a gravação da entrevista.

Mas não perturbava o raciocínio ágil, criativo e solto da vereadora, que estava bastante concentrada nas perguntas dos alunos.



Os momentos mais contundentes da entrevista foram justamente aqueles em que ela relembrou os tempos de luta do DCE.

avaliar, analisar e ser firme. Não adianta, por exemplo, você dizer que o problema da universidade hoje é só a administração dos recursos. Tá se acabando, porque existe uma lógica de uma política sendo desenvolvida em nível internacional, que hoje não quer nada com a universidade. A tecnologia está sendo produzida lá fora. As empresas estão produzindo essa tecnologia. E muitas vezes, as escolas particulares, as universidades particulares também têm seu ensino voltado pras empresas. As lutas específicas, você pode na luta por um ventilador numa sala de aula, por exemplo, junto com as pessoas, compreender que essa luta faz parte de um processo muito mais global que precisa ser disputado e precisa ser questionado também de forma global. Muito embora esse desdobramento seja aquela história: uma coisa de cada vez, é até a música do Titãs: "Tudo ao mesmo tempo agora". Quer dizer, nas partes eu consigo encontrar o todo. É o que é essa sociedade criminosa que a gente vive. Essa sociedade de infelicidade. É contra ela que eu quero me colocar e quero ver onde no meu cotidiano ela está interferindo. Como ela está se construindo no meu cotidiano. E aí eu combato o meu cotidiano. É muito importante pras pessoas construir a sua reflexão, a sua consciência, a sua crítica sobre as coisas quando elas se vêm naquilo ali, enquanto sujeitos e enquanto objetos daquele processo.

*Entrevista - Luizianne, você falou há pouco que o estudante tem a possibilidade de ser um profissional da universidade, um militante. Mas, com a sua experiência de professora da universidade que tem esse passado de militante do Movimento Estudantil e ainda hoje do movimento partidário que diferenças você vê no estudante de hoje na universidade?*

**Luizianne** - É o que sempre se coloca: as pessoas que se encontram hoje na universidade são uma escassa minoria que vem de escolas públicas. As pessoas que conseguem chegar hoje à universidade, muitas vezes, são as pessoas que vêm de escolas particulares, né? E isso faz com que, cada vez mais, menos pessoas tenham a possibilidade de vim da escola pública e entrar na universidade. Então eu acho que isso é uma mudança muito significativa. Essa história da mudança do perfil social dos estudantes que entram aqui. E a outra coisa é essa, e aí Valdêlo é uma coisa que não é só do movimento estudantil. Todos os movimentos sociais estão passando por isso. É essa ideologia da individualida-

de que hoje está cada vez mais intensa na sociedade. Cada vez mais os aparelhos ideológicos do Estado forçam que você construa valores individuais. A política do "salve-se quem puder". Vou defender o meu e o resto que se lasque. E isso é uma coisa que faz com que as pessoas estejam sistematicamente sendo bombardeadas por esses valores. Não são valores de solidariedade que estão sendo construído. O valor que está sendo construído é de que até mesmo a própria rebeldia da juventude tentam institucionalizar através da propaganda, da publicidade. Quem nunca viu aquela "calça velha, azul e desbotada". Então até se apropriar desse símbolo da juventude, desse símbolo da rebeldia, eles têm. Eu acho que a gente vai criando as coisas. E isso é o que dá esperança. Você imaginar que hoje se rouba por um tênis e se mata. A vida está totalmente banalizada, são esses valores individuais. E a universidade não está descolada disso. Ela não é uma ilha que está separada da sociedade. Ela sofre todos os processos que a sociedade. Tanto de fora pra dentro, quanto de dentro pra fora.

**“É importante estabelecer um consenso de que você precisa de unidade em determinadas coisas, muito embora nem todo mundo tenha a mesma opinião.”**

*Entrevista - Luizianne, a prova está aí, né? Você foi eleita com mais de cinco mil votos, acho que não tem quem duvide que você é uma líder. Eu queria saber como foi que surgiu a líder Luizianne Lins?*

**Luizianne** - Assim, tinha que fazer algumas considerações sobre essa questão de liderança. Sempre discordei muito dessa história de achar que algumas pessoas naturalmente são eleitas pra representar outras. Acho que não é por aí. Mas, pouco da história... Eu morei na periferia, na Maraponga (bairro de Fortaleza), até os vinte anos. Convivia de perto com a pobreza. Mas uma pobreza generalizada, de favelas. Minha família de classe média. Mas existia uma diferença muito grande em relação aos nossos colegas, né? Os nossos colegas — no caso que eu digo, porque eu tava sempre acompanhada de irmão que é um ano mais novo que eu — eram as pessoas lá do bairro, as pessoas mais pobres. Aqui-

lo era uma coisa que me indignava muito. Me indignava muito o fato de, às vezes, ter alguma coisa. Não entendia porque que tinha e porque que os outros não podiam ter. Então, eu sempre cito o caso da bicicleta (Risos). Eu tinha uma bicicleta e meu irmão outra, e todos os nossos amigos e vizinhos faziam fila pra dar uma voltinha na bicicleta. E um dava uma volta e voltava, e outro dava outra. Então isso foi uma coisa, e ficava questionando: porque eu tinha uma bicicleta e aquelas pessoas não tinham uma bicicleta pra andar? Foi uma coisa muito forte essa história. E daí começou. Eu estudei no 7 de Setembro, a gente disputou um Grêmio, que foi o Gandhi. Mas eu não participei efetivamente do movimento secundarista. Quando eu entro na universidade, que eu entrei na UECe, eu entro em contato com a política estudantil, aí é que realmente começa a nascer o interesse. Encontrei um canal pra tentar modificar essa situação, né? E daí a gente seguiu.

*Entrevista - Há um motivo especial pra não ter se envolvido com o movimento secundarista?*

**Luizianne** - Não. Só que... Achava que era que... Eu era Testemunha de Jeová. Fui Testemunha de Jeová até os 15, 16 anos de idade.

*Entrevista - Não é mais? (risos)*

**Luizianne** - Não (risos). Até porque as testemunhas de Jeová não votam. Não participam.

*Entrevista - Com 15, 16 anos você era Testemunha de Jeová? E como é que você deixou de ser?*

**Luizianne** - Minha família era toda ligada. Minha vó, minha mãe eram testemunhas de Jeová. E eu lembro que com 6 anos de idade eu saía de casa em casa pregando a Bíblia. Acompanhada de outras pessoas. Então eu acho que talvez foi o freio, durante algum tempo, pra não entrar diretamente na vida política. Porque as testemunhas de Jeová acreditam que vai ser construído um paraíso aqui na terra. Vai ter uma guerra, um Armagedon, mas que o paraíso vai ser restabelecido aqui mesmo na Terra. Não no Céu, como algumas religiões fazem crer. Então, isso talvez fosse um freio, um conforto de que aquilo ali estava acontecendo, mas o paraíso vai ser restabelecido aqui na Terra pra todo mundo. Então eu acho que, quando eu entro na universidade e começo a entrar em contato mesmo com as discussões políticas, com as coisas, é que se dá o processo de afastamento da religião. A forma de canalizar novamente a

É como se ela tivesse sede de deixar gravado para a história o que representou a luta como líder estudantil politizada e ciosa de seu papel.

energia pra poder transformar. Agora numa outra compreensão, numa outra dimensão.

*Entrevista - Como é a relação de Deus com a Luizianne vereadora?*

**Luizianne** - (Pausa) Eu brinco muito dizendo que sou marxista esotérica (risos). Na verdade, me considero uma marxista esotérica porque acredito que nem tudo nessa vida é matéria. Eu acho que existem algumas coisas no campo espiritual. Não, não tenho religião. Acho que nunca mais vou ter uma religião. Eu acredito muito em energia. Eu acredito numa energia que... Na energia do desejo, na energia das coisas que podem ser canalizadas, sabe? Acredito que existe uma energia superior. Acredito nessa energia. Só que a relação hoje com Deus é completamente diferenciada do que era. Eu acho que várias coisas podem, são capazes de provocar essa energia, de gerar essa energia e de contribuir realmente pra que a gente não tenha só essa visão muito presa à matéria. Como se a gente não cultivasse outros valores espirituais, né? Isso aí é uma coisa que eu não consegui. Aliás, não consegui, não. Não consegui e não quero também me afastar. Entende? Assim, me afastar dessa crença na energia, nessa crença na transformação, nessa energia do desejo, da paixão. Que são sentimentos, que são valores espirituais que eu acho muito importantes de se-rem construídos.

*Entrevista - A Luizianne falou que era incendiária, como é que você vai tocar fogo na Câmara? (risos)*

**Luizianne** - Acho que é muito no sentido de alimentar rebeldia. Alimentar a rebeldia e alimentar o sonho, a utopia de uma nova sociedade. Eu acredito que nós vamos construir e queria poder estar nela quando ela tivesse...

*Entrevista - ...Pegando fogo.*

**Luizianne** - É, vibrando, né? Vibrando e a passos largos pra construção de um mundo melhor. De outros valores, de valores de solidariedade, de humanidade, onde as pessoas comessem a ter — digo muito isso porque acho isso muito forte — noção da sua finitude. As pessoas perderam a perspectiva da sua finitude. E de que elas estão passando por aqui. Principalmente com o aumento da violência urbana, está sujeito a morrer a qualquer momento de uma bala perdida. E aí, por isso é que eu acho que as pessoas tem que ter humildade e menos arrogância pra entender os processos da vida. E saber que você aprende com qualquer pessoa. Qualquer pessoa é capaz de lhe oferecer, de lhe proporcionar aprendizado. Você tem que ter humildade pra perceber isso. Talvez seja uma coisa que diferencie muito umas pessoas das outras: a capacidade de aprender as coisas. Brincam muito me chamando de Polyanna (ri-

sos), porque sempre quando acontece alguma coisa “vamo ver o que aconteceu e da melhor forma...” Então sempre tem aquela história de você buscar o que tá acontecendo de bom, porque se você se alimentar das coisas ruins, a tendência é piorar. Enquanto que você se alimenta das esperanças, das coisas boas, é mais fácil que essas coisas boas, possam atrair coisas boas pra poder... Então eu acho que isso é um princípio de vida. Dessa minha relação com o poder que eu acho que vai rolar e que pode vir a ter daqui por diante, essa história do mandato. É de acreditar sempre que eu tenho que ter a humildade de saber que nós, seres humanos, estamos todos submetidos, somos da mesma matéria, viemos do mesmo lugar e temos que nos respeitar uns aos outros e ter solidariedade uns aos outros por causa disto. Porque nós estamos passando por aqui. Passando por essa vida. Sei nem se tem outras depois, mas mesmo se tiver a nossa existência aqui tem que ser da melhor forma possível, né? Porque é a única coisa que a gente leva daqui. Porque se não, se a gente passa a vida toda aborrecido, com raiva, odiando todo mundo, reclamando da vida, a gente vai ter uma existência muito ruim. Enquanto se a gente se alimentar de outras coisas, da luta, da conquista de outros valores, eu acho que a vida vai ser bem melhor.



Um papel que a levou a confrontos com o reitor Antônio Albuquerque durante toda a gestão “Corações e Mentes”.